



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**NEWBORN E RAÇA:**  
**fraturas nas visualidades e nas representações**

**SOLANGE BONIFÁCIO**

**ORIENTADORA: PROFA. DRA. ANA CRISTINA JUVENAL DA CRUZ**

São Carlos - SP  
2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



## **NEWBORN E RAÇA**

### **fraturas nas visualidades e nas representações**

Texto de defesa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Educação, área de concentração: Educação, cultura e Subjetividade  
Orientanda: Solange Bonifácio

Membros da Banca:

Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz  
(Orientadora)

Profa. Dra. Anete Abramowcz

Prof. Dr. Alan Victor Pimenta de A. Pales Costa

Profa. Dra. Ione da Silva Jovino

Profa. Dra. Cristina Teodoro

Profa. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues

São Carlos - SP  
2022



## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Educação

---

### Folha de Aprovação

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Solange Bonifácio, realizada em 27/10/2022.

#### Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz (Presidente)

Profa. Dra. Ione da Silva Jovino

Profa. Dra. Cristina Teodoro

Profa. Dra. Anete Abramowicz

Prof. Dr. Alan Victor Pimenta de A. Pales Costa

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.



## **AGRADECIMENTOS**

Muito obrigada

A quem veio antes e imagem não pode ser...

A quem por obrigação se pôs em pose

ou seria estratégia para fuga da posse?

A orientadora que acredita e faz as imagens do mundo pluralizar: Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz.

A Profa. Dra. Anete Abramowicz, ao Prof. Dr. Alan Victor Pimenta de A. Pales Costa, Profa. Dra. Ione da Silva Jovino, Profa. Dra. Cristina Teodoro e Profa. Dra. Tatiane Cosentino Rodrigues pelas generosas contribuições.

Meu carinho a minha mãe, mulher guerreira que a dureza da vida não lhe tirou o sorriso que ela estampa em fotos infinitas. Mulher resiliente que em plena velhice registra o cotidiano de sua amada neta. Vocês são incríveis!



Hannah Xu

Baby images & Photos

Newborn

Human

É **newborn**, mas  
é **"free"**

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo investigar o método de fotografia aplicado a bebês recém-nascidos denominado *newborn*. *Newborn* é uma modalidade de fotografia destinada a bebês com até quinze dias de vida e realizada por fotógrafas/os profissionais. Trata-se de realizar, em uma abordagem qualitativa, uma cartografia da produção imagética sobre as/os bebês tendo como referência o contexto histórico brasileiro. A metodologia é de investigação é de inspiração cartográfica produzida por meio de realização e análise de levantamento bibliográfico sobre fotografia, bebês e infâncias, sob a analítica racial. O *corpus* é composto pela página da *web* da Associação Brasileira de Fotógrafos de Recém-Nascidos e a seção *Newborn* da revista "*Fhox*". Os dados indicam que, na produção da modalidade, existem determinados procedimentos e técnicas específicos que organizam uma rede de forças às quais produzem uma dada visualidade aos bebês. Dito de outro modo, constitui-se certa imagem de bebê(s) e, conseqüentemente, de infância (s) negra (s) e não negra (s) por meio de técnicas dirigidas à(ao) recém-nascida(o) de modo a constituir uma performance cuja projeção concentra-se em poses pré-definidas, algumas tentam ser "espelho do útero". Assim, também diferente de outros eventos, como o chá-de-bebê, o nascimento, os aniversários, na qual a fotografia é o registro do ritual, no caso da fotografia *newborn* ela se instaura como próprio ritual de visualidade que prescreve os papéis sociais de cada sujeito e subjetividade(s) espalhando-se em espaços como escolas, telas de equipamentos de comunicação, entre outros.

**Palavras-chave:** infâncias, fotografia, raça

## ABSTRACT

This research aims to investigate the method of photography applied to newborn babies called *newborn*. *Newborn* is a photography modality aimed at babies up to fifteen days old and performed by professional photographers. It is about performing, in a qualitative approach, a cartography of imagery production on babies based on the Brazilian historical context. The methodology is cartographic inspiration research produced through the realization and analysis of a bibliographic survey on photography, babies and childhoods, under racial analysis. The *corpus* is composed of the *website* of the Brazilian Association of Newborn Photographers and the Newborn section of the magazine "*Fhox*". The data indicate that, in the production of the modality, there are certain specific procedures and techniques that organize a network of which produce a given visuality forces to babies. In other words, it constitutes a certain image of a baby and, consequently, of black and non-black childhood through techniques directed at the newborn to constitute a performance whose projection focuses on predefined poses, some try to be "the mirror of the uterus". Thus, also different from other events, such as baby shower, birth, birthdays in which photography is the , record of the ritual, in the case of *newborn photography* it is established as its own ritual of visuality that prescribes the social and subjectivity(s) roles of each subject by moving out in spaces such as schools, screens of communication equipment, among others.

**Keywords:** childhoods, photography, race



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Exemplo de <i>Backdrop</i> digital para fotografia newborn .....	15
Imagem 3: Imagem de loja virtual de acessórios para fotografias para venda do mini celular cenográfico .....	16
Imagem 2: Fotografia de Bel Ferreira apresentando uma boneca articulada utilizada em poses para <i>newborn</i> . .....	16
Imagem 4: Montagem com as categorias elencadas na busca do termo bebê em computador. ....	17
Imagem 5: Reprodução da capa do disco <i>Nevermind</i> da banda Nirvana .....	18
Imagem 6: Reprodução do cartão de Natal do casal Harry e Meghan de 2021 .....	20
Imagem 7: Reprodução de peça publicitária do Governo Federal de Abril de 2020 ..	21
Imagem 8: Reprodução de fotografia <i>newborn</i> .....	22
Imagem 9: Montagem de fotografias <i>newborn</i> disponível em banco de imagens gratuitas <i>Unsplash</i> .....	23
Imagem 10: Ilustração .....	25
Imagem 11: Reprodução de fotografias de Marc Ferrez e David Octavius Hill .....	28
Imagem 12: Reprodução de fotografia .....	36
Imagem 13: Reprodução de fotografia de bebê anônimo do acervo Digital do Museu Paulista .....	39
Imagem 14: Reprodução de fotografia do acervo digital do Museu Paulista.....	40
Imagem 15: Reprodução de fotografia de revista Vida Doméstica de 1936.....	42
Imagem 16: Reprodução de fotografia da revista Vida Doméstica, 1936.....	43
Imagem 17: Bebê com mulher negra fotografia de Militão Augusto de Azevedo do acervo digital do Museu Paulista.....	46
Imagem 20: Bebê com mulher negra, cartão de visita cortado, fotografia de Militão Augusto de Azevedo do acervo digital do Museu Paulista .....	47
Imagem 19: Bebê com mulher negra com face apagada, fotografia de Militão Augusto de Azevedo do acervo digital do Museu Paulista .....	47
Imagem 18: Bebê com mulher negra idosa.....	47
Imagem 21: Publicidade de boneco articulado utilizado em fotografia <i>newborn</i> .....	52
Imagem 22: Publicidade de boneco articulado utilizado em fotografia <i>newborn</i> .....	57
Imagem 23: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn Brasil 2018 – 2º lugar .....	63
Imagem 24: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn Brasil 2018 – 1º lugar .....	63
Imagem 25: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn Brasil 2018 – 3º lugar .....	63
Imagem 26: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn Brasil 2019 – 1º lugar .....	64
Imagem 27: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn Brasil 2019 – 2º lugar .....	64
Imagem 28: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn 2019 – 3º lugar .....	64
Imagem 29: Fotografias do curso de segurança das SIS no <i>site</i> AK fotografia. ....	66
Imagem 30: Reprodução de página de livro A Infância do Brasil .....	69
Imagem 31: Reprodução de página de livro A Infância do Brasil .....	70
Imagem 32: Bebê em fotografia Newborn.....	72
Imagem 33: Bebê em fotografia newborn .....	72
Imagem 34: Bebê e mãe em fotografia newborn.....	74
Imagem 35: Sequência de etapas de edição de fotografia utilizando o <i>backdrop</i> digital .....	78
Imagem 36: Resultado de edição de fotografia utilizando o <i>backdrop</i> digital .....	78

## LISTA DE QUADRO

Quadro: 1 Resultado da busca na base de dados .....	59
Quadro: 2 Resultado da busca na Base de Dados de Livros de Fotografias .....	60
Quadro: 3 Análise dos títulos da revista Fhox dos anos de 2019 e 2020 da seção Potfólio-newborn .....	62

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

**WEB** – *World Wide Web*

**ABFNR** – *Associação Brasileira de Fotógrafos de recém-nascidos*

**PNAD** – *Pesquisa Nacional de Amostras por Domicílio*

## Sumário

<b>1. APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – CONTEXTOS FOTOGRÁFICOS .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 2 - FOTOGRAFIA, REPRESENTAÇÕES, INFÂNCIAS E RAÇA.....</b>	<b>26</b>
2.1. Fotografia .....	26
2.3. Fotografia no Brasil: enfoque nas imagens de bebês.....	36
2.4. Infâncias .....	48
2.5. Bebês .....	53
2.6. Representação das infâncias e de bebês.....	55
<b>CAPÍTULO 3 – CAMINHOS ENTRE IMAGENS E TEXTOS: UM DELINEAMENTO METODOLÓGICO .....</b>	<b>58</b>
<b>CAPÍTULO 4 – FOTOGRAFIA <i>NEWBORN</i>: ENQUADRAMENTO DO BEBÊ CONTEMPORÂNEO.....</b>	<b>67</b>
4.1 Fotografia <i>newborn</i> : como modalidade .....	67
4.2. Corpos modelados .....	75
4.2. Um tempo para a imagem .....	79
<b>CAPÍTULO 5 – FOTOGRAFIAS DE BEBÊS: IMPRESSÕES DO TEMPO ATUAL</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>82</b>

## APRESENTAÇÃO

---

*O texto inicial é uma apresentação da pesquisadora e os motivos que a aproximaram da temática.*

As escolas são repletas de histórias, fui professora por treze anos e coleciono narrativas de aprendizagens, dificuldades, medos, alegrias, esperanças, desafios, desenvolvimentos, coragem, encontros. Histórias que poderiam compor livros de crônicas de breves fatos do cotidiano escolar com crianças, de poesias com rimas e brincadeiras com as palavras que as meninas e meninos produzem e contos com perguntas filosóficas e personagens incríveis que são as próprias crianças.

Nesses anos alguns episódios se repetiram e o que me despertou curiosidade, as crianças traziam fotografias para compartilhar momentos de quando eram mais novas, muitas dessas fotografias eram realizadas em estúdios e as compartilham essas imagens argumentando que a foto era uma prova que teriam nascido “mais claras” ou “menos negras”. Recordo-me que por volta do ano de 2014 houve um aumento de materiais e acessórios escolares personalizados com nomes e fotografias das crianças, desde então interessei-me em observar como as crianças interagem com fotografias no ambiente escolar. Um dos aspectos observados foi o desconforto que algumas crianças, principalmente negras, tinham ao ser fotografadas. Após ingressar no mestrado e cursar uma disciplina que abordou o tema fotografia, essas observações foram tomadas parte de minhas reflexões com certa intensidade e decidi que queria pesquisar as fotografias com as crianças.

Contudo, durante o desenho da pesquisa chegaram as notícias do quadro pandêmico se instalando em território nacional e as primeiras orientações de isolamento social. Ao longo das semanas a orientação de permanência do isolamento foi se estabelecendo como a forma mais segura de evitar a contaminação, de tal modo que a pesquisa precisou ser redesenhada considerando todo o contexto de saúde pública.

Foi assim que cheguei a temática fotografia de bebês, com o repertório das histórias e imagens de crianças e uma curiosidade nova para essa pedagoga que vos escreve.

## INTRODUÇÃO

---

*A presente introdução apresenta o objetivo geral, a questão da pesquisa, o problema da pesquisa e a hipótese.*

Nas primeiras décadas do século XXI, entre as imagens infantis, emergiu uma modalidade específica para bebês recém-nascidas/os que são as denominadas fotografias *newborn*. Tais imagens de bebês se difundem na sociedade contemporânea estabelecendo padrões sobre o modo como deve ser visto uma/um recém-nascida(o), ou seja, se configura em um arranjo dos símbolos para produzir um determinado sentido. A predominância dos símbolos no campo da linguagem, levou Stuart Hall (2016) a argumentar que a linguagem produz sentido pois, ela opera como um sistema representacional, portanto ao considerar a fotografia *newborn* é possível afirmar que há produção de uma representação sobre a (s) infância (s).

Ainda segundo Hall (2016), o sentido é uma construção social. Estudos em torno da infância, como a Sociologia da infância, também têm como pilar a concepção de infância como uma construção. Assim, ao analisar o contexto brasileiro é possível afirmar que as produções de infâncias e representações são constituídas também pela questão racial. Destaca-se então que, ao focar na fotografia *newborn*, compreende-se que há atravessamentos da produção de uma representação de infância. Contudo, o intuito da presente pesquisa não é o de investigar os símbolos arranjados para determinar tal representação. O foco aqui é o de mapear caminhos imagéticos que resultaram nesse modo específico de representar a(o) recém-nascida(o), a fotografia *newborn*.

O objetivo geral proposto é, portanto, investigar o método de fotografia aplicada a bebês recém-nascidos/as denominado *newborn*. *Newborn* é uma modalidade de fotografia destinada a bebês com até quinze dias de vida e realizada por fotógrafas/os profissionais. Trata-se de realizar, em uma abordagem qualitativa, uma cartografia da produção imagética sobre as(os) bebês tendo como referência o contexto histórico brasileiro.

A pesquisa acentua-se em uma perspectiva histórica, visto que, cada época produziu suas imagens de bebês e nessas imagens há uma projeção racialmente orientada. Assim, a investigação é realizada por meio de levantamento bibliográfico

sobre fotografia, bebês e infâncias, sob a analítica racial e análise de um *corpus* que é composto pela página da *web* da Associação Brasileira de Fotógrafos de Recém-Nascidos e a seção *Newborn* da revista "*Fhox*"

A abordagem é qualitativa desenvolvida como um mapeamento, inspirado na abordagem cartográfica das fotografias de bebês por meio de análise de documentos e imagens. A questão de pesquisa: de que modo a fotografia *newborn* se estabeleceu como uma das principais imagens da(o) bebê na contemporaneidade? Sequencialmente, a questão que emerge é: que subjetividade está sendo moldada ao se utilizar o *newborn* para registrar as imagens de bebês no tempo presente?

A hipótese que se delineia é de que a fotografia *newborn* é um dispositivo de captura e de controle de imagens e narrativas de determinados corpos e, como tal, possibilitaria programar a experiência regulando a representação.

É necessário identificar que o pano de fundo, ou em outros termos, o *backdrop* das reflexões apresentadas é a produção da subjetividade contemporânea.

Imagem 1: Exemplo de *Backdrop* digital para fotografia *newborn*



Fonte: Natalie Holding, Shute Harbour, 2017.

<sup>1</sup> Backdrop digital é um acessório que pode ser utilizado na edição de fotografias digitais.

Na imagem 1 temos a reprodução de um backdrop do modo como é vendido, ou seja, sem modificações da pesquisadora. Disponível em: <https://newborndigitalbackdrop.com/product/potato-sack-flowers-soft-pink/>. Acesso em 20/04/2021.

O sujeito contemporâneo está sempre se constituindo. Considerando nossas atmosferas contemporâneas

(...) o presente é um enigma em movimento, quase tanto como o futuro. E, embora nenhum dos dois seja o resultado inevitável de um passado facilmente objetivável, sempre é possível traçar certas genealogias capazes de oferecer alguns rastros significativos acerca de sua gestação e suas implicações. Assim, ao mapear as forças históricas que contribuíram para dar à luz o quadro atual – com todos seus imprevistos, suas complexidades e até mesmo suas contradições –, talvez possam ser identificadas algumas continuidades e rupturas cheias de sentido. Essas pistas, por sua vez, podem nos ajudar a entender o que está se passando agora: o que estamos deixando de ser e o que estamos nos tornando; e, muito especialmente, por que tudo isto está ocorrendo neste momento (SIBILIA, 2015, p.136).

A pesquisa está organizada com uma apresentação, introdução e cinco capítulos. O primeiro capítulo intitulado “Contextos fotográficos” apresenta-se uma seleção de imagens que, no Brasil, mobilizou manifestações de diferentes atores sociais causando repercussão na mídia tradicional e nas redes sociais.

O segundo capítulo discorre sobre os conceitos centrais da pesquisa que estão indicados no próprio título “Fotografia, representações, infância e raça”.

O terceiro capítulo sob o título, “Caminhos entre imagens e textos: um delineamento metodológico” é uma descrição dos percursos metodológicos realizados na pesquisa. O título do capítulo subsequente é “Fotografia *newborn*: enquadramento (s) do bebê contemporâneo” refere-se à análise e discussão.

O quinto capítulo foi denominado “Fotografias de bebês: impressões do tempo atual”, nesse capítulo são apresentadas algumas considerações sobre o tema.

Imagem 3: Fotografia de Bel Ferreira apresentando uma boneca articulada utilizada em poses para *newborn*.



Fonte: Bel Ferreira, 2016, Curitiba<sup>2</sup>

Imagem 2: Imagem de loja virtual de acessórios para fotografias para venda do mini celular cenográfico



Fonte: Photo Props, Mogi das Cruzes<sup>3</sup>

<sup>2</sup> Disponível em: <<https://www.belferreira.com.br/post/standingbabysibo-que-e-e-para-que-serve>>. Acesso em 10/08/2021

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://www.photoprops.com.br/produtos/mini-celular-cenografico-iphone-dourado-com-caixinha1/>> Acesso em: 05/06/2022.

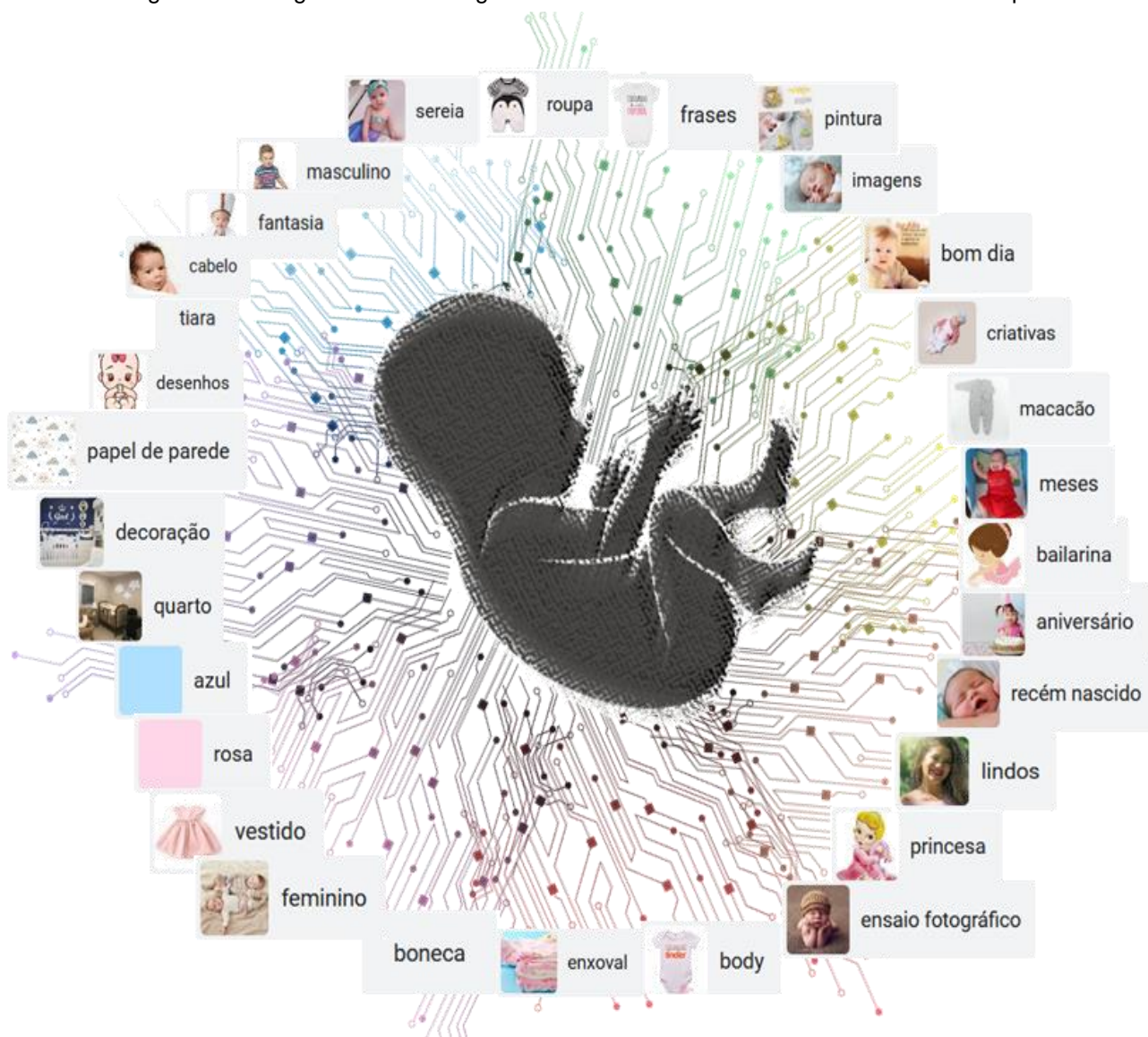


## CAPÍTULO 1 – CONTEXTOS FOTOGRÁFICOS

*Nesse capítulo é apresentada a delimitação do assunto tratado para situar o tema da pesquisa.*

Ligar o equipamento, esperar iniciar e clicar no navegador. Digitar na barra de endereço o *site* de busca: "[google.com](http://google.com)", selecionar a opção imagens e digitar a palavra bebê. Na tela aparecem, acima das imagens, trinta etiquetas com sugestões de categorias para refinar a busca. A maioria das etiquetas é composta por um ícone e descrição.<sup>4</sup>

Imagem 4: Montagem com as categorias elencadas na busca do termo bebê em computador.



Fonte: produzido pela própria autora, a partir do resultado da busca

<sup>4</sup> Na busca realizada com o mesmo procedimento em aparelhos celulares ampliam-se as seguintes categorias: 1 ano, anjo, silicone, banheira, fralda, barriga, unicórnio, olho azul, junina

As circulações de imagens, em decorrência dos dispositivos móveis, adquirem atualmente outro patamar na comunicação humana. São ícones, figurinhas, *emoticons*, *gifs* produzidos e compartilhados em grandes quantidades. Não é incomum que o cumprimento matinal seja via aplicativo de mensagens instantâneas enviado como uma ilustração ou fotografia transformada em figurinha. Assim, parece que, apenas a expressão "bom dia" é insuficiente para a cortesia matinal e também para outras mensagens enviadas via aplicativos.

Além desse compartilhamento, as imagens, especificamente as fotografias, são curtidas e comentadas de forma expressiva. Sob a atmosfera da digitalização da vida, as fotografias intermediam de modo cada vez mais constante as relações humanas.

"Acordei já fazendo parte deste grande projeto" (SPENCER ELDEN-BBC<sup>5</sup>). De acordo com o site BBC-News Brasil, a frase mencionada teria sido proferida por Spencer Elden, um jovem que em 1991, teve sua fotografia de bebê nu em uma piscina utilizada na capa de um disco de vinil da banda Nirvana, a qual foi por ele processada judicialmente por tal fato sob a alegação de exploração sexual.

Imagem 5: Reprodução da capa do disco *Nevermind* da banda Nirvana



Fonte: Banda Nirvana – fotografia de Kirk Weddle 1991.<sup>6</sup>

O projeto que provavelmente o fotografado referiu-se seria ao vinculado à dimensão artística e lucrativa que o álbum rendeu, na medida em que, segundo a

<sup>5</sup> Reportagem disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-58328805>>. Acesso em: 04/03/2022

<sup>6</sup> Disponível em: <https://movimentodeexpressaofotografica.wordpress.com/2017/07/28/foto-de-capa-nevermind-dos-nirvana/>. Acesso em: 04/03/2022

página do *site* da BBC News-Brasil, a banda teria vendido 30 milhões de cópias do álbum. Logo, seria a reprodução da imagem de, no mínimo, a mesma quantidade, o que poderia proporcionar ganhos financeiros aos envolvidos dependendo do acordo estabelecido entre as partes quanto aos direitos de imagem. O bebê, em uma montagem fotográfica de mergulho perseguindo uma nota de dólar que está enganchada em um anzol, agora adulto, reivindicou algo acionando uma representação de infância na qual a articulação do significado de bebê, nudez e dinheiro seria pejorativa, um apelo sexual.

O exemplo do bebê na capa do disco indica que fazer parte de uma dada visualidade produz representações, entretanto para alguns grupos a produção e o controle de suas representações foram historicamente assujeitadas a algumas condições. Por exemplo, além dos bebês, as crianças, os negros, os indígenas, as mulheres todos esses grupos tiveram uma predominância de um modo de produção e distribuição de suas imagens, particularmente imagens fotográficas.

A fotografia possibilitou aos seres humanos uma super-visão, o corpo materializado pelo desenho da luz, ficou disponível por tempo indeterminado ao olhar supervisionado.

A pesquisadora Paula Sibilia (2004) analisou que o corpo "demasiadamente orgânico" tornou-se obsoleto para o mundo contemporâneo que produz, por diversos dispositivos, o que ela define de corpo-imagem. A autora desenvolveu o argumento de que a subjetividade se alterou, o Eu que antes se constituía pelas histórias escritas, pela intimidade estaria sendo substituído pelo Eu-imagem originando a extimidade.

A ênfase na imagem se impõe no cotidiano antes mesmo do nascimento. As crianças que num contexto de valorização da palavra falada foram os infantes, os sem voz, que no contexto do letramento foram as analfabetas, na atualidade estão imersas no mundo das imagens produzindo com, e muitas vezes com melhor domínio do que adultos, instantâneas imagens de si e de outros.

Os modos de produzir imagens fotográficas apresentam elementos que podem ser observados com mais acuidade, levando em conta a representação e como ela estabelece relações com outros aspectos, ou seja, as práticas fotográficas são atravessadas por discursos. Por exemplo, a imagem 6 que foi anunciada como um cartão de natal:

Imagem 6: Reprodução do cartão de Natal do casal Harry e Meghan de 2021



Fonte: Alexi Lubomirski, 2021<sup>7</sup>

A página F5 pertence à Folha de São Paulo e noticiou a publicação do cartão com o seguinte anúncio: “*Harry e Meghan revelam o rostinho da filha Lilibet em cartão de Natal*”(F5, 2021). A reportagem informa que essa revelação da face da bebê deu-se após seis meses, destaca ainda que o casal conserva a privacidade dos filhos e, por isso, teriam poucas publicações nas redes sociais. Exibir ou deixar de exibir as(os) filhas(os) torna-se relevante na visualidade contemporânea. Em outro site, dessa vez da revista *Ela*, do grupo Globo, traz como subtítulo de sua reportagem sobre o mesmo assunto que o filho do casal, “*Ruivo como o pai, o primogênito Archie também rouba a cena no registro da família*”. Essa é uma família cuja composição racial foi tema de intensa exposição televisiva, então o destaque realizado pela página brasileira para o fenótipo da criança pode ser indício de como, no maior país da América Latina, o embranquecimento ainda é visto quase como uma dádiva.

No que se refere a imagens com e/ou sobre crianças, algumas fotografias causaram grande repercussão e debate público no contexto brasileiro. Dentre algumas delas é possível destacar a peça publicitária utilizada pelo Governo Federal no Programa Pró-Brasil em Abril de 2020.

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2021/12/harry-e-meghan-revelam-rostinho-da-filha-lilibet-em-cartao-de-natal.shtml>>. Acesso em 12/01/2022

Imagem 7: Reprodução de peça publicitária do Governo Federal de Abril de 2020



Fonte: Governo Federal do Brasil, 2020.<sup>8</sup>

A imagem 7 é uma a peça publicitária do Governo Federal produzida, segundo a matéria do *site* *Catraca Livre*, a partir de um banco de imagens. A matéria informa que a peça despertou a atenção dos internautas em decorrência das características fenotípicas das crianças da imagem. Na matéria, são reproduzidos alguns comentários publicados na rede social *Twitter*. O primeiro comentário é do escritor Eduardo Moreira:

Esta é a capa do programa Pro Brasil anunciado pelo governo. Não é possível que as pessoas achem normal isso. Isso é criminoso, doentio, maldoso. Um governo formado só por homens, ricos e brancos jamais compreenderá uma maioria pobre, negra e feminina (Reprodução de post do Twitter de Eduardo Moreira realizado pelo *site* *Catraca Livre*)

Na matéria do *site* são apresentados outros comentários, mas, ao verificar a rede social do escritor Eduardo Moreira, constatou-se que na postagem de 23 de abril de 2020, que o *site* *catraca Livre* destacou, houve 158 respostas, 525 retwittadas (republicação da postagem na própria rede social) e 2,7 mil curtidas. Nos comentários as opiniões favoráveis e contrárias à postagem mencionada. Tais dados mostram outro fenômeno em torno da fotografia: a quem possa interessar é possível acompanhar reações e interações causadas por uma imagem, basta que ela esteja na *internet* de modo geral. nas redes sociais ou banco de imagens de modo específico.

---

<sup>8</sup> Disponível em: < <https://catracalivre.com.br/cidadania/internautas-questionam-foto-de-criancas-europeias-em-programa-do-governo/>>. Acesso em: 17/julho/2021.

Entretanto, quantificar as vistas de uma imagem não é uma exclusividade de artistas, personalidades ou veículos de comunicação. Atualmente, o ato de publicar uma imagem nas redes sociais é denominado de postagem. A alteração na terminologia pode ter a ver com a intimidade, na medida em que, para Sibilía (2004) que desenvolveu o conceito, a intimidade estaria relacionada ao modo de ser moderno que foi representado, segundo ela, pelo lar burguês, onde o privado seria o espaço interno e o público o espaço externo. As transformações do que é público e privado estariam inseridas no processo histórico que modificam também a produção do eu (SIBILIA, 2015).

As três imagens apresentadas são fotografias realizadas por profissionais para um produto comercializável. Por outro lado, como as famílias realizam fotografias de suas crianças? Como se dá essa codificação digital, instantânea e compartilhada das infâncias? E se, no Brasil infância e raça são conceitos mutuamente implicados, como tais conceitos se delineiam na fotografia contemporânea?

Imagem 8: Reprodução de fotografia *newborn*



Fonte: Garrett Jackson, Texas, 2020<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup> Disponível em:

<[https://unsplash.com/photos/xCXJELjcmxU?utm\\_source=unsplash&utm\\_medium=referral&utm\\_content=creditShareLink](https://unsplash.com/photos/xCXJELjcmxU?utm_source=unsplash&utm_medium=referral&utm_content=creditShareLink)> Acesso em 19/08/2021.

As fotografias, raça e infância são construções cujos debates remetem a noções de semelhança e diferença. Enquanto na fotografia há vertentes que as expectativas da semelhança com o real, raça vai se estruturar nos semelhantes e nos diferentes para configurar a humanidade e a infância vai se estabelecendo como diferente do adulto, assim como defendeu Philippe Áriès (1981) com o surgimento do sentimento de infância, ou seja, de uma diferenciação entre a criança e o adulto.

As especificidades da articulação dessa tríade conceitual no contexto brasileiro, permearam essa pesquisa, assim esse exercício de análise delineou os rastros visuais da construção de um outro sujeito, para tal nos inspiramos na cartografia. Contudo, sabíamos que queríamos encontrar a fotografia de bebê realizada por profissionais, mas alguns entrelaçamentos que luz, sombra, negro, branco, analógico, digital, álbum, postagem, clique, flash, filtro fomos trilhando no fluxo de algumas construções imagéticas. Desfocamos o tempo, rebobinamos o filme, o espaço, navegamos na rede e nos deslocamos pelas fotografias, fotografias de bebês.

Imagem 9: Montagem de fotografias *newborn* disponível em banco de imagens gratuitas *Unsplash*



Fonte: Sonia Robson (2021), Asheley Shoemaker (2020), Talsh (2021)<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Disponível em : <https://unsplash.com/s/photos/newborn-baby>. Acesso em 21/07/2022

O advento da fotografia impactou a produção de conhecimento a partir do século XIX. Desde o seu surgimento, o argumento utilizado foi conectado ao conhecimento científico conforme apontou Walter Benjamin (1931) ao mencionar a defesa do físico Arago em 1839, sobre a descoberta de Daguerre realizada na Câmara dos Deputados da França. Ao considerar o mesmo episódio, o antropólogo e fotógrafo Milton Guran informou:

Reconhecida desde o berço, portanto, como útil para as ciências exatas, a fotografia se mostrou, desde logo, útil também a um novo campo de conhecimento, o das ciências sociais, que surgia justamente naquele momento, como destacou Howard Becker, em um artigo onde aborda a divulgação do invento da fotografia em paralelo à publicação, em 1840, do texto de Auguste Comte que marca o nascimento da sociologia (Becker, 1974; 1986). Ambas vinham, de certa forma, responder à demanda da sociedade da época por um autoconhecimento e por meios de proceder a uma forma confiável de objetivação do mundo visível diante do impasse cultural e da crise de representação plástica vigente nos meados do século XIX (Flusser, 2002, pp 17-18) (MILTON GURAN, 2012, p.19).

Segundo Guran (2012), o contexto de surgimento da fotografia era a gestação de uma grande guinada da sociedade europeia para fora de si. Para ele, a diversidade cultural “[...] foi matéria de primeira grandeza no planejamento da expansão econômica e política das principais potências europeias, exatamente aquelas no seio das quais a fotografia tinha surgido e fazia a sua história” (GURAN, 2012, p.20).

A fotografia como objeto de análise no campo científico, possui diferentes abordagens. Susana Rangel Vieira da Cunha (2008), referenciada em Nicholas Mirzoeff, informou que a partir dos Estudos Culturais teria surgido o interesse acadêmico pelos materiais visuais. No entanto, uma diferença entre os Estudos Culturais e Estudos da Cultura Visual, seria que a primeira buscaria compreender os modos pelos quais as pessoas dão sentido às produções culturais e a segunda, examinaria como as experiências cotidianas com o universo visual criaria e disputaria sentidos (CUNHA, 2008).

Quanto ao campo da educação, um exemplo de uso da fotografia é apresentado por Cunha (2015), que realizou um levantamento das investigações que se desenvolveram com materiais visuais realizadas com crianças de uma linha de pesquisa de um programa de pós-graduação no período de 2008 a 2012. Entre as



suas conclusões, haveria um longo percurso teórico e vivencial para alcançar sistematizações para metodologias visuais com crianças. Deste modo, verifica-se que o interesse por materiais visuais ressoa na produção de conhecimento científico.

Ainda Cunha (2005) defende que haveria uma pedagogia da visualidade

[...] que atua em conjunto com outras formas tradicionais de ensinar. Ela é visível em sua materialidade ostensivamente exposta e atuante, e oculta aquilo que ela ensina no (in)visível: a produção de significados, valores, inclusões e exclusões, desigualdades sociais e relações de poder. As pedagogias da visualidade formulam conhecimentos e saberes que não são ensinados e aprendidos explicitamente, mas que existem, circulam, são aceitos e produzem efeitos de sentido sobre as pessoas (CUNHA, 2005, p.75).

Nesse sentido, é possível inferir que as trinta categorias que resultaram da busca de imagens no *site* apresentadas no início desse trabalho, produzem efeitos de sentidos sobre os bebês.

As conexões que a fotografia de bebê estabelecem são múltiplas, portanto na presente pesquisa delimitamos o contexto brasileiro para análise. Aqui, a prática de colocar o bebê sob a mira da lente fotográfica, mobilizou não apenas técnicas, estratégias de registro, como de relações raciais.

Ao considerar os delineamentos de raça e infância com as fotografias de bebês foi possível percorrer trajetórias e esboçar continuidades e rupturas nas configurações imagéticas que estabeleceram a fotografia *newborn* – que é a fotografia de recém-nascido realizada por fotógrafos profissionais - como uma representação de bebê do tempo presente.

Do equipamento fotográfico, nas páginas do álbum fotográfico o retrato feito até o século XX era do homem-máquina, denominação utilizada pela pesquisadora Sibília (2015) que compreende que estamos em processos de hibridação orgânico-tecnológica. Assim, o bebê contemporâneo nasce em um tempo no qual a atualização se impõe, portanto quem é o sujeito que agora recém-nasce pelas telas?

Imagem 10: Ilustração



Fonte: produzido

## **CAPÍTULO 2 - FOTOGRAFIA, REPRESENTAÇÕES, INFÂNCIAS E RAÇA**

---

*O propósito desse capítulo é o de apresentar conceitos sobre fotografia, infância e raça, sublinhando a interface dos temas no contexto brasileiro. Nesse sentido, será introduzido o debate sobre visualidade e os seus impactos sociais.*

### **2.1. Fotografia**

A leitura de imagem é uma prática que ampliou-se com a profusão da produção e circulação de imagens. Nas práticas de leitura desde o século XVI, com o aperfeiçoamento da prensa móvel, é possível considerar que houve um domínio do texto escrito. Já no século XIX, com o desenvolvimento da fixação do desenho com luz e sua disseminação social, esse domínio pôde ser questionável, visto que as imagens, enquanto prática de leitura, ocuparam um patamar equivalente ou superior ao texto.

Ana Maria Mauad (1996) descreveu que a fotografia teria surgido em 1830 “como resultado da feliz conjugação do engenho, da técnica e da oportunidade” (MAUAD, 1996, p.74). Ao refletir sobre fotografia e arte, Walter Benjamin (1994) discorreu sobre o impacto causado pela fotografia nos seus primórdios. Em vista disto, o autor apontou a reação contrária demonstrada por alguns setores sociais mencionando um trecho de um jornal alemão “[...] O homem foi feito à semelhança de Deus, e a imagem de Deus não pode ser fixada por nenhum mecanismo humano” (LEIPZIGER STADTANZEIGER citado por BENJAMIN, 1994, p. 92).

Em um de seus ensaios, Benjamin (1994) teve como tema a relação da reprodutibilidade técnica com a fotografia. Em sua análise abordou a história da fotografia em três momentos: o primeiro relacionado à invenção marcada pelo fato no qual a patente foi colocada no domínio público possibilitando um desenvolvimento acelerado, tendo o seu apogeu ocorrido na década pré-industrial; o segundo momento foi relacionado ao declínio caracterizado pela dissociação entre técnica e objeto, e o terceiro momento, por fim, foi o de reconhecimento de Eugène Atget como precursor de um novo modo de conceber a fotografia libertando o objeto de sua aura, portanto inaugurando um novo olhar.

Para Benjamin (1994), o apogeu da fotografia estava relacionado à técnica e à produção de fotógrafos. A convergência entre técnica e objeto produziria o que denominou de aura. Os primeiros processos do registro fotográfico descritos pelo

autor, envolviam clichês feitos de placa de prata iodadas e expostas na câmara escura, e ainda precisavam ser manipuladas para o reconhecimento da imagem. Segundo ele, essas eram peças únicas onerosas guardadas em estojos como joias.

Quanto ao declínio, Walter Benjamin (1994) o inscreveu como sendo na época do surgimento dos cartões de visita, na instalação de homens de negócios como fotógrafos profissionais e na busca da aura perdida decorrente da dissociação entre objeto e técnica. O autor afirmou que foi nessa época o princípio dos álbuns fotográficos.

[...] grandes volumes encadernados em couro, com horríveis fechos de metal, e as páginas com margens douradas, com espessura de um dedo, nas quais apareciam figuras grotescamente vestidas ou cobertas de rendas: o tio Alexandre e a Tia Rika, Gertrudes quando pequena, papai no primeiro semestre da Faculdade e, para cúmulo da vergonha, nós mesmo, com uma fantasia alpina, cantando à tirolesa agitando o chapéu contra neves pintadas, ou como um elegante marinheiro, de pé, pernas entrecruzadas em posição de descanso, como conzinha, recostado num pilar polido.(BENJAMIN, 1994, p.97-98).

As experiências relatadas por Benjamin (1994) com seu próprio álbum fotográfico e a descrição dos estúdios, corroboram com a presente pesquisa na compreensão das condições históricas do percurso em determinados tipos de fotografia, no caso em tela a *newborn*. No que concerne à descrição dos ateliês, o autor mencionou a respeito dos modos como os dispositivos para a realização da foto (em decorrência do tempo necessário para ficar na pose) foram transformados em acessórios: “Foi nessa época que apareceram aqueles ateliês, mescla ambígua de execução e representação, câmara de torturas e sala de trono [...]” (BENJAMIN, 1994, p.98).

No delineamento teórico sobre fotografia e arte produzido por Benjamin (1994), indicou-se como o corpo afetava a imagem e sua leitura. A fotografia como imagem do corpo inerte à espera do tempo para sua captação, produziria uma aura; quando o corpo aparece no ateliê adornável, encenado e padronizado, perdia a aura e a ausência do corpo destruiria a aura permitindo um novo olhar.

Ao discorrer sobre a fotografia “A vendedora de peixes de *New Haden*” do fotógrafo David Octavius Hill, Benjamin (1994) mencionou a presença da aura que conferiria à fotografia o valor de arte. A pergunta que caberia é: haveria aura nas fotografias das amas de leite, mucamas, quituteiras, ganhadeiras ou quaisquer outras

designações atribuídas às mulheres negras escravizadas? Claudia Queiroz (2013) comparou a fotografia citada por Benjamin (1994) com a fotografia da vendedora no mercado de Marc Ferrez. Para a autora, o anonimato das fotografadas aproximava as fotografias.

Imagem 11: Reprodução de fotografias de Marc Ferrez e David Octavius Hill



Fonte: Marc Ferrez (1875); David Hill (1845) apresentadas por Claudia Queiroz/2013

As condições sociais, nas quais resultou o aparecimento da fotografia, transformaram as sociedades. Na era da revolução industrial na Europa do século XIX, os corpos eram impactados pelo sistema de produção, a(0) trabalhadora(or), sendo pessoa adulta ou não, era submetida a condições precárias e violentas de exploração. No Brasil, durante o Império, os corpos negros eram escravizados, sendo pessoa adulta ou não, instituindo-lhes desumanidade. Assim, o trabalho era a força do corpo branco enquanto o corpo negro, além da força do trabalho, também era feito mercadoria, transformado em capital. A fotografia, naquele contexto, enquadrou modos de olhar, de tal maneira que as duas mulheres sendo vendedoras têm

visibilidades diferentes. Para o antropólogo Hélio Menezes (2019), as fotografias são discursos, ele argumenta que as fotografias de Marc Ferrez, considerado um dos mais importantes fotógrafos brasileiros do século XIX, eram feitas:

[...] por e para brancos, fotografias de escravizados desindividualizados, vistos por um olhar adventício. Imagens que não eram destinadas a eles e nem a seus pares, mas serviam para serem vendidas a viajantes, ilustrar livros pictóricos do Brasil para mostrar o país dentro e fora (MENEZES, 2019).

Nesse momento, a indagação que aqueceu nossas reflexões envolveu o referente e a mensagem, ou seja: a fotografia produz representação ou a representação produz a fotografia?

Afirmar que a fotografia é o resultado de um processo físico e químico que transforma a luz em imagem seria uma leitura limitada e obsoleta nos debates realizados nos diferentes campos do conhecimento sobre o tema. Roland Barthes (1984) apresentou três perspectivas para a prática da fotografia, a saber: a técnica situada entre processos químicos e físicos de domínio do fotógrafo; a de "sujeito olhado" e, por fim, de "sujeito que olha". No papel "sujeito olhado" mencionou o modo pelo qual a situação alterava o seu comportamento. "Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva, tudo muda: ponho-me a "posar" fabrico-me instantaneamente e um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente a imagem" (BARTHES, 1984, p.22). O autor, ao tentar compreender o seu saber fotográfico, questionou o seu próprio corpo e três práticas: *Operator* que seria quem fotografa, o *Specutrum* que seria o suporte, a pessoa fotografada e, por fim, o *Spectador* que seria quem observa.

Ainda sobre Barthes (1984), dois outros conceitos são fundamentais: o *Studium* que seria uma leitura da imagem quando se percebe a intencionalidade do fotógrafo e o *Punctum* que se trata da leitura da imagem que atinge, que "fere". No contexto da presente pesquisa, como seria a produção do *studium* e de *punctum* considerando as questões raciais? Quais fotografias atingiram a quem?

A filósofa e escritora norte-americana Susan Sontag fez um panorama sobre a relação social com a fotografia desde o seu surgimento no século XIX até os anos de 1970 do século XX. No livro "Sobre Fotografia", que se tornou um clássico sobre o tema, Sontag (2004) afirmou que a educação por fotos se diferenciaria da educação por imagens, essas seriam mais antigas e artesanais. Segundo a escritora, a partir da

primeira fotografia de 1839 haveria um inventário de imagens derivado de uma insaciabilidade do olho que fotografa. Para Sontag (2004), as fotos ensinaram um novo código visual que modificou e ampliou as ideias sobre o modo de olhar definido por ela como gramática e de ética do ver.

Para Phillipe Dubois (1994), a fotografia incluiria as dimensões da recepção e contemplação:

A foto não é apenas imagem (o produto de uma técnica e de uma ação, o resultado de um fazer e de um saber-fazer, uma representação de papel que se olha simplesmente em sua clausura de objeto finito), é também, em primeiro lugar um verdadeiro *ato* icônico, uma imagem, se quisermos, mas *em trabalho*, algo que não se pode conceber fora das suas *circunstâncias*, fora do *jogo* que anima sem *comprová-la* literalmente: algo que é portanto consubstancialmente, uma *imagem-ato*, estando compreendido que esse “ato” não se limita trivialmente apenas no gesto da *produção* propriamente dita da imagem (gesto da “tomada”, mas inclui também o ato de sua *recepção* e de sua *contemplação*) (DUBOIS, 1994, p.15, grifos do autor)

Ao traçar o percurso histórico da fotografia, Dubois (1994) apresentou três perspectivas quanto ao princípio de realidade que se definiria como uma relação específica entre o que ele denominou de referente externo e sua mensagem trazendo a questão dos modos de representação do real. Os tempos desse percurso são: o da fotografia como espelho do real (o discurso da mimese), a fotografia com transformação do real (o discurso do código e da desconstrução) e, por fim, a fotografia como um traço do real (o discurso do índice e da referência). Em uma atualização de suas pesquisas Dubois (2017) apresentou outro tempo que corresponderia a fotografia como imagem-ficção-de-um-mundo-possível.

Nicholas Mirzoeff (2016), pesquisador dos estudos visuais, apresentou o conceito de visualidade e discorreu sobre os seus “domínios”. Afirmou que os primeiros “domínios da visualidade” foram os processos de escravização nas “*plantations* que eram monitoradas pela vigilância do supervisor – o substituto do soberano” (MIRZOEFF, 2016, p.747). O pesquisador explicou como a constituição e expansão deste tipo de trabalho constituiu esse domínio. Identificou três complexos de visualidade e contravisualidade que seriam:

[..]o complexo plantation que sustentou o comércio transatlântico de escravos; o que era conhecido por certos apologistas do império britânico como o complexo imperialista; e aquilo que o Presidente

Dwight Eisenhower identificou como o complexo militar-industrial, que ainda permanece conosco (MIRZOEFF, 2016, p.752).

Esse excerto da abordagem de Mirzoeff, na nossa interpretação exemplifica que é possível identificar condições que resultam em alguns aspectos da visualidade. No caso, destacamos como o autor indica que a escravização impactou o modo de visualidade.

Outro debate é a relação entre fotografia e o tempo. Como o realizado por Maurício Lissovsky que afirma: “[...] que aquilo a que a fotografia congela é o espaço, e não o tempo” (Lissovsky, 2008, p.60). Segundo o autor, o modo pelo qual se deu o desenvolvimento do equipamento fotográfico foi alterando a produção da fotografia, um exemplo que ele menciona é o fato de que apesar da redução do tempo de pose para obtenção de uma imagem, a fotografia pousada ainda permaneceu por aproximadamente quarenta anos (Lissovsky, 2020).

Há uma história interna ao dispositivo, por exemplo, em que a aceitação da técnica abre uma zona de resistência ao mecânico que faz da hesitação o núcleo da experiência de subjetivação do fotógrafo moderno (LISSOVSKY e MARTINS, 2013, p. 1364).

Enio Leite Alves (2009) apontou que haveria uma corrida tecnológica que modificaria as formas de representação objetivando o lucro, desse modo, segundo ele, as formas de representação bidimensionais como a fotografia analógica e digital seriam substituídas por holografias e hologramas.

As discussões sobre a constituição histórica dos materiais fotográficos possuem amplo campo de investigação, elas abarcam desde as produções fotográficas da escravização da população negra à descoberta dos impactos no padrão fotográfico de captação das cores, impressão, e revelação das imagens. Estudos sobre as diferenças de grandes empresas como Kodak e Fugi alinhavam configurações de embranquecimento, possível pelo *flash*, pelos filtros e pela edição da imagem.

Na temporalidade da tecnologia digital, a fotografia não está mais restrita ao espaço das revistas, jornais e propagandas impressas, o seu compartilhamento também se dá pela máquina. Produzir e compartilhar fotografias faz parte do cotidiano de muitas pessoas. A vida mediada e registrada por máquinas, se evidencia em

pesquisas como a de Administração e Uso de Tecnologia da Informação nas Empresas, realizada pela Fundação Getúlio Vargas de São Paulo (FGV-SP, 2018), cujos dados apontaram em 2018, a existência de mais de um celular do modelo *smartphone* ativo conectado à internet, por habitante, em território nacional do Brasil. De modo mais impactante, nos centros urbanos, o uso das câmeras domésticas, nesses modelos de dispositivo móvel, acompanha as dinâmicas das vidas, por exemplo, na infância tornou-se recorrente que a sala do parto seja o primeiro “estúdio” produzido para a/o bebê. Sua apresentação ao mundo se dá simultaneamente: torna-se imagem e torna-se filha(o).

No estúdio, o que se reproduz não é somente a técnica da fotografia. Em um artigo publicado em 2016, a socióloga Lorna Roth (2016), explicitou que na história da produção de imagens com máquina fotográfica, a técnica da fotografia – captura e impressão - estava relacionada aos tons de pele. Ela afirmou que a calibragem não tinha o efeito esperado nas peles mais escuras. Ainda destacou:

Nas fotos em que diferentes tons de pele apareciam lado a lado – como as fotos de formatura com vários estudantes –, o desafio era ainda maior, pois os fotógrafos muitas vezes aumentavam a intensidade da luz e super expunham as pessoas mais escuras para capturar a maior definição possível da pele. Isso também causava a superexposição das peles claras, tornando o resultado constrangedor para o fotógrafo (ROTH, 2016, s.p).

Roth (2016) relatou o uso de cartões com figura feminina para calibragem de imagem, os denominados "cartões Shirley", informava um padrão cuja execução denotava para a pele branca, produzindo esse tom de pele como “normal”. A autora ainda expôs como a inserção de novos padrões foi em decorrência da demanda específica de empresas de chocolates e móveis que estavam insatisfeitas com as imagens de seus produtos de cor marrom. Outro aspecto dessa disputa, se deu pelo interesse da empresa Kodak em disputar o mercado oriental com a empresa Fuji.

Como consequência desse movimento, o laboratório de pesquisa da Kodak em Rochester, dirigido por Richard Wien, criou duas novas emulsões fotográficas. A primeira, utilizada nos filmes profissionais VeriColor III, surgiu no início dos anos 1980 para alimentar o mercado de fotografias de casamento, uma vez que melhorava o contraste entre os vestidos brancos e os *smokings* escuros, por exemplo. Em 1997, Wien descreveu o novo Gold Max, filme de consumo popular lançado naquela década, como sendo capaz de “fotografar os



detalhes de um cavalo preto com pouca luz”. Suponho que esse fosse o código da Kodak para informar aos consumidores que se tratava do filme certo para fotografar tonalidades de pele mais escuras. A empresa sabia da deficiência de seus filmes, mas precisava encontrar as palavras certas para comercializar o novo produto sem se submeter a constrangimento ou crítica (ROTH, 2016, s.p).

De acordo com Roth (2016), a questão não teria sido superada pelo avanço tecnológico do equipamento, a autora citou quatro exemplos relacionados às produções de imagens utilizando tecnologia digital: 2009 a *webcam* da HP que apenas detectava rostos de pele branca; em 2010 a *Coolpix S630* da Nikon não teria conseguido captar consumidores asiáticos; outro episódio ocorreu em 2015, quando um aplicativo da Google identificou jovens negros como gorilas.

Na interpretação da socióloga, a questão central é da intencionalidade na elaboração do equipamento que denota interpretações pré-concebidas e de cunho racista (ROTH, 2016).

Outros exemplos sobre as tecnologias digitais e as imagens foi o caso da *Flickr* que etiquetou pessoas negras como macacos e, o episódio em 2020, no qual o *Twitter* foi acusado por seus usuários de priorizar os rostos de pessoas brancas na exibição de imagens de fotografias com pessoas negras. E, ainda que as notícias digam respeito a pessoas adultas, pode-se inferir que, se o algoritmo, cuja programação é realizada por pessoas, por humanos, reproduz comportamentos racistas, qual seria a ação desses algoritmos frente a fotografias de bebês negros e não negros?

Mais uma questão posta para a sociedade contemporânea é a captura e armazenamento de dados. No documentário “O Dilema das redes” (Jeff Orlowski, 2000) destaca-se qual seria o impacto, no caso de bebês, do tempo atual, que dependendo da ação digital de pais, familiares e outros? As plataformas digitais têm um conhecimento codificado sobre suas vidas que pode ocorrer desde a gestação. A presente pesquisa não contempla tais questões, mas com a inteligência artificial tão presente no cotidiano, parece um apontamento importante para futuras reflexões.

A produção do equipamento fotográfico, de determinados modos de uso e resultados, pode ser fonte de diversos interesses e narrativas. A presença instantânea e constante das fotografias pode naturalizá-la. Entretanto, um outro panorama sobre as fotografias abrange de modos diferentes, as fotografias que são compartilhadas nas redes sociais, publicadas em jornais, revistas e livros, expostas em catálogos,

painéis e quadros, produzidas por e com crianças, presentes em diferentes espaços sociais e, inclusive, produzidas, lidas e utilizadas nas escolas.

“Quando não souberes para onde ir, olha para trás e saiba pelo menos de onde vens” aconselha um provérbio africano. “Não olhe para trás” ordena Hades a Orfeu na mitologia grega. A fotografia é um olhar para trás? O que se olha na fotografia? O que a fotografia captura? São as questões que instigaram os próximos tópicos.

## **2.2. Representações**

Representação foi um dos principais conceitos desenvolvidos por Hall (2016). Para o autor, a representação seria a produção de sentido por meio da linguagem. Ele identificou três abordagens em relação ao conceito de representação: a reflexiva, a intencional e a construtivista.

A abordagem reflexiva teria um caráter mimético, ou seja, a linguagem funcionaria como um espelho do real refletindo um sentido pré-existente. A abordagem intencional seria aquela no qual o significado pertence a quem diz, é uma abordagem mais individualista e impositiva. A terceira abordagem seria a construtivista que sustenta que o sentido é uma construção social. O autor defende essa última abordagem, argumentando que “As coisas não significam: nós que construímos sentido, usando sistemas representacionais – conceitos e signos” (HALL, 2016, p.49).

Na análise de Hall, por ser uma construção social, os sentidos mudam e transitam assim, na sua proposição teórica Cultura tem um papel fundamental, o autor definiu que “[...] cultura diz respeito à produção e ao intercâmbio de sentidos – o ‘compartilhamento de significados’ – entre os membros de um grupo ou sociedade” (HALL, 2016, 20). Portanto, para o autor, a terceira abordagem era a que melhor contemplava os estudos culturais. Hall informou que, haveria duas variantes da abordagem construtivista que seria a abordagem semiótica influenciada por Ferdinand de Saussure e a abordagem discursiva associada à Michel Foucault.

Tendo como referência a abordagem construtivista, os estudos de Hall (2016) focalizaram nos modos pelos quais a mídia produzia uma atmosfera de representação sobre pessoas negras, as quais analisou como as imagens das pessoas negras eram produzidas na tentativa de fixar representações.

A leitura e interpretação dos objetos e coisas dependem do contexto no qual são produzidos e que circulam. Ou seja, para Hall (2016) a mesma coisa pode ter representações diferentes, então porque haveria uma hegemonia na forma de representar, por exemplo a pessoa negra? São as contribuições de Foucault, que possibilitam a análise dessa questão, pois insere o poder e o saber no debate.

Foucault argumenta que, uma vez que só podemos ter conhecimento das coisas se elas tivessem sentido, é o discurso – não como as coisas por elas mesmas – que produz conhecimento (HALL, 2016,p. 82).

As possibilidades de leitura apresentam significados que se diferenciam nas suas representações. Portanto, estão implicadas em condições que resultam em algumas possibilidades de leitura que não se traduzem como uma percepção de reflexo da realidade como destacou Hall (2016) e sim como modos de olhar construídos histórico, social e imagetivamente.

Representação atravessa o trabalho. No momento inicial de desenho desta pesquisa, a hipótese era de que a representação constituída de forma distinta entre crianças negras e não negras, impactava as suas subjetividades. Acreditávamos que captar mais do que luz e sombra e esquadrihar outros aspectos das diferentes infâncias, pois tentava-se compreender a composição da fotografia e os modos pelos quais os signos constroem possíveis interpretações. Essa intenção tinha como pergunta orientadora “Como as imagens representam?” que é uma tessitura de abordagem da iconografia ou análise do discurso. O trilhar da investigação foi se configurando mais pelo carácter exploratório para compreender por quais motivos aquela(e) que acaba de nascer é assujeitada(o) ao modelo de fotografia *newborn*

Com a fotografia, produzimos itinerários nos quais a lente da câmera focou o bebê no contexto brasileiro, buscando indícios das modificações considerando a dimensão racial. De tal modo que, perguntas são acionadas ao considerar bebê e raça, quais foram as modalidades de fotografias que foram produzidas? E o que a fotografia *newborn* pode representar sobre o tempo atual.

Imagem 12: Reprodução de fotografia



Fonte: Bong Baby House, Vietnã, 2020<sup>11</sup>

### 2.3. Fotografia no Brasil: enfoque nas imagens de bebês

Em cada época, as imagens foram produzidas a partir de relações com diferentes campos sociais. Da pintura rupestre ao clique, as imagens não foram produzidas em um vazio social. No contexto brasileiro, primeiro pelas pinturas e depois as fotografias, as imagens produziram representações da população e do território.

Um território que fora localizado no século XVI e denominado de Brasil teve, de acordo com Eni Puccinelli Orlandi (2008), como enunciado inaugural “Terra à vista”. O episódio designado “Descoberta do Brasil”, possui em seu enunciado, uma possibilidade de leitura de que não teria sido um olhar de admiração, já se configurava como um olhar estratégico, de tal modo que é plausível alegar que a invasão teria se iniciado pela visão. Pois, não tardou e, aproximadamente 40 anos após a mirada de 1500, os portugueses forçaram o desembarque de olhares trazidos do continente africano para serem a mão de obra de sua visão de mundo. Mesmo não abordando a

---

<sup>11</sup> Disponível em: < <https://pixabay.com/de/photos/neugeborene-kinder-baby-studio-5017564/> > . Acesso em 05/03/2021.

questão indígena, vale mencionar que os povos indígenas foram escravizados e colonizados no território brasileiro, antes que os africanos.

Os portugueses, os povos indígenas e africanos, em meio a relações tensas e violentas, produziram a população brasileira. Entre os séculos XVI e XVIII, os viajantes, desenhistas e pintores expressavam tais relações e, no século XIX, o enquadramento também se deu pela fotografia.

Da produção, passando pelo clique até a revelação da fotografia, há processos educativos do olhar, ou nos termos de Cunha (2005), pedagogias da visualidade. Na história do Brasil, pelo objeto fotografia é possível acompanhar a trajetória do que e como era composto o visível. Entre colonizador e colonizado, senhor/a e escravizado/a, adulto e criança, o álbum de fotografias foi desde a modernidade compondo/ emoldurando os cenários para as diferentes subjetividades. De acordo com Pedro Karp Vasquez (2002), no Brasil colonial houve a proibição, pelos portugueses, de se pintarem paisagens brasileiras a fim de se evitar uma possível cobiça externa. Portanto, o Brasil Imperial era o lugar e tempo propício para o registro fotográfico.

Assim, a fotografia no Brasil teve recepção acolhedora. De acordo com Sandra Sofia Machado Koutsoukos (2006), no período imperial houve uma invasão de fotógrafos estrangeiros e, um dos possíveis motivos desta invasão, teria sido a fuga da concorrência em seus países. Como suporte para esse argumento, a autora comparou a quantidade de estúdios que no Rio de Janeiro de 1864 seria de 30 unidades, enquanto em Londres, em 1866, havia 284, portanto o Brasil era um ambiente promissor para a ampliação da fotografia como mercado da imagem.

Ainda durante esse período a fotografia foi impulsionada por uma produção imagética imperial. Ana Maria Mauad (1997), em análise sobre o Segundo Reinado afirmou: “Enquanto a imagem da corte era uma imagem não somente pública, como também publicada nos jornais e exposições universais, a imagem do Império ainda tinha como modelo a família imperial (MAUAD, 1997, p.183)”.

Era no Rio de Janeiro, sede da Corte, o principal centro fotográfico, fato que resultou também pela participação de D. Pedro II como um apreciador e incentivador da fotografia. Tanto que, a Biblioteca Nacional tem uma coleção doada e denominada pelo próprio imperador de Coleção D. Thereza Cristina Maria. Essa coleção é

composta por diferentes itens, dentre eles há uma vasta quantidade de fotografias. Tais fotografias foram agrupadas em sete conjuntos:

- a) álbuns e fotografias avulsas das viagens de Suas Majestades ao exterior em 1871, 1876, 1888.
- b) álbuns e fotografias avulsas do Brasil
- c) álbuns e fotografias avulsas de acontecimentos históricos e/ou marcantes no desenvolvimento e progresso do país
- d) álbuns, fotos avulsas ou em grupo de personalidades estrangeiras
- e) fotografias de caráter científico, antropológico, astronômico, arqueológico, biológico, etc.
- f) curiosidades, peças de museus e exposições, monumentos
- g) por último deixamos para mencionar os retratos da Família Imperial em /grupos ou avulsos nos quais toda uma sucessão de gerações é registrada — D. Pedro e D. Teresa, jovem ainda, depois com as filhas adolescentes, mais tarde com os genros e por fim com os netos; retratos de parentes da nobreza européia.(BRASIL,2016)

No ramo da fotografia, D. Pedro II ainda oferecia aos seus escolhidos o título de Fotógrafo da Casa Real, os fotógrafos valiam desse atributo para se distinguir da concorrência (MAUD, 2019). Enquanto a família real pousava e incentivava a fotografia, os fotógrafos produziam imagens de escravizados para comercializar como *carte de visite*, como os denominados tipos de pretos e também na fotografia familiar as fotografias de amas-de-leite.

A relação da família real expressa nas imagens fotográficas, é um dos indicativos que diferem o período imperial do colonial. De acordo com Jurandir Freire Costa (1983), na família colonial o epicentro seria o pai, segundo o autor a imagem do filho daquela época não era atrativa. Influenciada principalmente pela abordagem higienista, no século XIX, houve outra configuração familiar, na qual a mulher foi destinada ao ambiente doméstico e de maternidade, o homem foi o pai provedor e a criança a(o) filha(o).

Portanto, um dos lugares da imagem da(o) bebê era nas fotografias familiares, nas fotografias pós-morte e também nas fotografias com a ama de leite. Nas fotografias familiares começam a surgir as imagens de bebês fotografados individualmente em cenários próprios.

Imagem 13: Reprodução de fotografia de bebê anônimo do acervo Digital do Museu Paulista



Fonte: <http://acervo.mp.usp.br/>

Ainda na modalidade de fotografia familiar desse período parece constituir um lugar no qual a(o) bebê branca(o) deveria ser visto. Tal visualidade ratifica um papel social para a(o) bebê pois, ele(e) ali era um sujeito da família. Dessas, é nas imagens com a ama de leite que a presença do corpo do bebê branco modifica a fotografia, ou seja, o corpo negro é-cenário com a presença da(o) bebê, sem ele torna-se uma fotografia de uma mulher, mulher escravizada. Quanto às fotografias de bebês negras(os) mesmo raras, com as pesquisas de Koutsoukos (2006) e Jovino (2010), aponta-se uma hipótese.

Koutsoukos (2006) menciona que houve uma quantidade abundante de retratos de pessoas brancas quando comparada a quantidade de pessoas negras. A pesquisadora relatou que não encontrou álbum de fotografias de famílias negras. Koutsoukos localizou ainda fotografias avulsas que constam em arquivos, bibliotecas e instituições pesquisadas que foram organizadas por temas atribuídos pelos colecionadores.

Koutsoukos (2006), com objetivo de compreender os motivos pelos quais as pessoas negras da segunda metade do século XIX se faziam retratar, a autora informa que “[...] para uma pessoa negra livre, forra ou escrava ele poderia ter outros significados” (KOUTOSOUKOS, 2006, p.76). Ou seja, o argumento é o de que a necessidade não se estava restrita a ser livre, era necessário parecer livre, então estar no estúdio posando e vestindo à moda europeia, tal como a elite da época, era uma estratégia de aceitação, ascensão e sobrevivência daquelas pessoas negras que iam à frente dos equipamentos fotográficos.

Ainda sobre o século XIX, a pesquisadora Ione da Silva Jovino (2010) ao analisar imagens de crianças negras, concluiu que haveria um "sentimento da infância negra" atribuído por especificidades e particularidades em torno da criança pequena e negra. Sobre uma das fotografias analisadas, escreveu:

A criança ocupa o moisés que está em cima de um móvel (talvez a mesa em outras crianças foram fotografadas apoiadas nela), provavelmente no estúdio. Ele tem uma idade indefinida, mas chama a atenção o fato do menino parecer grande para aquele cesto. Sua pose, talvez muito certinha para um bebê, que possivelmente não pararia quieto por tempo suficiente para a foto, bem como o tamanho de suas mãos e de sua cabeça, estes detalhes poderiam indicar que se trata de uma criança fora do lugar, fotografada de modo a representar uma faixa etária à qual não pertenceria (JOVINO, 2010, p.99).

Imagem 14: Reprodução de fotografia do acervo digital do Museu Paulista



Fonte: Militão Augusto de Azevedo, (1880-1885), São Paulo.<sup>12</sup>

<sup>12</sup> Disponível em: <http://acervo.mp.usp.br/IconografiaV2.aspx#> . Acesso em 08/09/2021



Considerando as análises das duas autoras, a hipótese apresentada aqui é que o corpo da(o) bebê negra(o) altera a fotografia, pois ao estar nos estúdios às costas de sua mãe, tornava-se um elemento das fotografias consideradas de costumes. Quando fotografados em cestos, mesmo para representar uma idade, pode indicar a fotografia de um não escravizado e/ou que pertence a uma família e não a um "Senhor".

No século XX, as imagens ainda revelam muito sobre o Brasil, um exemplo é o descrito pela pesquisadora Lilian Moritz Schwarcz (2002). Ao escrever sobre o processo de miscigenação no Brasil, relatou o episódio ocorrido em 1911 no qual o então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, João Batista Lacerda, ao participar do I Congresso Internacional das Raças utilizou o quadro intitulado "A redenção de Cam" de Modesto Brocos na abertura de sua apresentação. A legenda traduzia o desejo elitista à época, impulsionado pela produção intelectual vigente de uma transição geracional lenta, definitiva e gradual do negro ao branco. Essa transição era o anúncio, o projeto proferido por uma elite que produzia um discurso científico pautado nas teorias raciais, de um novo tempo e outra imagem para o país que produzia sobre si mesmo a ideia de que estava em um estado de adaptação necessária rumo ao embranquecimento que garantiria um aprimoramento da nação e de sua identidade. Para a pesquisadora, a tela de Brocos "[...] ilustrou o processo "depurador" que ocorreria no Brasil com o passar do tempo (SCHWARCZ, 2011)".

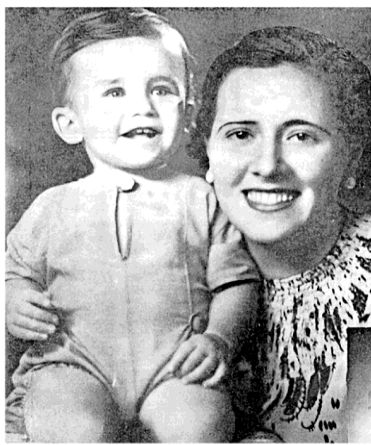
Quanto à fotografia do século XX, é possível mencionar que houve uma pluralização dos estilos. Sobre as fotografias realizadas por profissionais, dois dos segmentos que as fotografias de bebês aparecem foram os concursos como o de Robutez Infantil e as do mercado editorial:

Os concursos de robustez infantil se tornariam extremamente concorridos durante algum tempo no território paulista e seriam imitados em outros Estados. Filhos e mães cuidadosas seriam premiados e teriam suas fotos estampadas nos diários que circulavam na capital paulista e, acima de tudo, eram exemplos a serem imitados. Não importava se a capital ainda convivia com a Roda dos Expostos, com a infância depauperada, com as epidemias e a mortalidade, principalmente entre os imigrantes pobres e a população negra (ALMEIDA, 2017, p.169).

Do mercado editorial, Olga Brites (2000) analisou as fotografias e suas representações de infância nas revistas "A Doméstica" e "Fon-fon", publicadas entre 1930 e 1950. De acordo com a autora, havia no período mencionado, um investimento

acentuado traduzido em ações públicas tais como a criação do Departamento Nacional da Criança e os parques infantis na cidade de São Paulo. O referido momento constitui a expansão da imprensa periódica valorizada como orientadora das ações governamentais em torno da infância e se coloca como educadora da família (BRITES, 2000).

Imagem 15: Reprodução de fotografia de revista Vida Doméstica de 1936



Fonte: Olga Brites (2000)

Segundo Brites, as publicações dessas revistas eram dirigidas a uma ideia de público feminino, utilizando como recursos anúncios diversos tais como: esmaltes, tecidos, relógios, carrinhos de bebês e outros, também havia os anúncios destinados à infância relacionados à concepções de saúde, beleza e inteligência. Sobre as fotografias de crianças e bebês, a autora informou que havia seções específicas para as suas publicações, com o uso de poses, roupas e adereços, sendo que havia uma diferenciação nos estilos dependendo do gênero. O foco dessas imagens era no corpo limpo, arrumado com trajes aseados, a pobreza aparecia sobre a perspectiva do assistencialismo. A religiosidade também era uma dimensão incorporada nas imagens para associar a inocência e para exibir uma elite com os pobres por ela ajudados, indicando qual era a elite desejada pelo país. Além dos trajes relacionados à religiosidade católica, havia outros momentos registrados nos quais a autora destaca a importância da pose, bem como a ausência dos pais que ao serem associadas às crianças compartilhavam com essas o prestígio da exposição pública (BRITES, 2000).

Em várias ocasiões, crianças mais crescidas, de ambos os sexos, surgiram carregando adereços da vida escolar – livros, por exemplo.

Animais de estimação e brinquedos também apareciam junto aos seus donos, especialmente os menores, em situações de pose calculada. Brinquedos ou animais remetiam ao consumo, status, tudo muito disciplinado, expondo uma imagem de infância num padrão social de privilégio (BRITES, 2000, p.168).

Imagem 16: Reprodução de fotografia da revista *Vida Doméstica*, 1936



*Infância*, jul. 1936

Fonte: Olga Brites (2000)

Na análise de Brites, as fotografias de uma das revistas referiram-se a alguns ritos de passagem valorizados pela sociedade daquela época como a primeira comunhão, casamentos, encerramento de ano letivo, formaturas, considerando os valores da classe dominante. A autora menciona a participação da família do presidente Getúlio Vargas nesses ritos sociais como exemplo para o país. O artigo ainda informa sobre a existência desses tipos de fotografias nas camadas populares realizadas por fotógrafos ambulantes e que não faziam parte das publicações dessas revistas. Na interpretação da autora, tal fato representava a assimilação da camada popular aos costumes da elite (BRITES, 2000).

Outro destaque, apresentado pela autora, é que as edições foram ensinando às (aos) leitoras(es) quais momentos da infância precisavam de registros fotográficos, além de disponibilizar as(aos) leitoras(es) os serviços dos fotógrafos.

Considerando que a linguagem fotográfica necessitava de um repertório de conhecimentos do leitor, sua decodificação requeria referenciais, demonstrando que tal leitura não dependia apenas de uma visão imediata. A seção “Teste Fotográfico”, de Fon-Fon!, exigia do leitor que ele identificasse as pessoas fotografadas através de

múltiplas opções, à maneira de um teste (Fon-Fon!, out. 1949) (BRITES, 2000).

A autora argumenta que haveria uma sintonia entre as imagens de infância divulgadas pelas revistas e os projetos políticos mais amplos, resultando em uma projeção de normalizar a vida da família. Todo esse processo desenvolveu uma cultura fotográfica, que produzia imagens de “[...] um espetáculo social do que se devia ver” (BRITES, 2000).

Sobre bebê, Brites (2000) menciona que nas revistas analisadas havia seções dedicadas à puericultura, vinculado à ideia de cuidados. Quanto às fotografias e a Igreja Católica, a autora evidencia a pose e os Concursos de Robustez Infantil, essa última estava integralmente relacionada ao papel materno.

Jane Soares de Almeida (2007), em artigo sobre o Concurso de Robustez na São Paulo de 1928, apresenta alguns trechos de literatura. Conclui que homens e mulheres tinham destinações diferentes. Para os homens a casa era espaço transitório, já para as mulheres, era perpétuo. Para Almeida, o catolicismo imbricou a figura feminina com a da mãe de Jesus, a "Virgem Maria", fato que possibilitou constituir uma imagética que foi apropriada pela corrente higienista no Brasil dos anos de 1920 e 1930. Tal período transformou a mulher como a principal pessoa “[...] responsável pela saúde dos filhos, e a maternidade passou a ser, além de uma aspiração individual e familiar, uma meta dos responsáveis pelas políticas públicas de saúde e educação, o que se configura [...] um esquema simbólico de poder” (Almeida, 2007, 160). No artigo, explana que o contexto brasileiro das décadas de 1920 e 1930 do século XX, foram alicerçadas pelos ideários positivistas nos quais ideias determinadas de ordem e de progresso do Estado prescindiam de uma educação voltada para as mulheres e refletida nas práticas domésticas voltadas ao cuidado e criação das/os filhas/os em uma família "limpa" e "saudável".

Segundo Almeida (2007) o Concurso de Robustez em São Paulo foi uma estratégia médica:

Havia, pois, que motivar a profilaxia e se alinhar com o saneamento dos corpos e das famílias, protegendo a maternidade e, através dela, a infância. O melhor caminho seria motivar, convencer e premiar. Nessa cruzada higiênica, a colaboração das mães e das educadoras sanitárias, preparadas para esse fim, era incontestável. E que melhor recurso de motivação e atenção pública do que um concurso com

prêmios, discursos laudatórios, divulgado na imprensa e aplaudido pela população? (ALMEIDA, 2007, p.164)

De acordo com a autora, o concurso era direcionado a crianças com idades entre um e três anos, obrigatoriamente matriculados nos Centros de Saúde, com frequência assídua. Poderiam concorrer as crianças matriculadas em Centros da capital e todas as crianças inscritas receberiam um certificado de robustez infantil, sendo que os primeiros três classificados receberiam premiações em dinheiro, mais dois prêmios de assiduidade, uma dúzia de fotografia para cada criança premiada e uma medalha de ouro, para a criança que conquistasse o primeiro lugar ofertado por um jornal (ALMEIDA, 2007).

Ainda sobre o concurso, Almeida (2007) informa que havia inscrições de crianças brancas e negras, pois de acordo com os organizadores, não haveria divisões étnicas, contudo foram vencedores, naquela edição, apenas crianças brancas. O concurso foi copiado em outros Estados brasileiros. Com fotografias de filhas(os) e suas mães publicadas em diários nos quais as imagens eram exemplos a serem imitados. A autora informa que na capital paulista, estava ativa “[...] a Roda dos Expostos, com infância depauperada, com as epidemias e a mortalidade, principalmente entre os imigrantes pobres e a população negra” (ALMEIDA, 2007, p.169).

O artigo de Brites (2000) e o de Almeida (2007), trazem o papel da mulher na construção da fotografia e representação de infância, família e nação. Porém, o papel de “bela, doce do lar” era destinado para um perfil de mulher: a mulher branca. Contudo, a mulher negra também era submetida a uma moral, como mostra Amanda Braga (2015), na análise concursos de beleza realizados pela Imprensa Negra no início do século XX.

Em síntese, no século XX, a perspectiva médico higienista não só prescreve a infância, ela mostra pelas fotografias o que é uma criança.

A respeito das fotografias e contextos abordados, eles não contemplam todas as modalidades fotográficas do século XIX e XX. Aqui há um panorama sobre fotografia no Brasil que reconhece os seus limites, é apenas um recorte para o objetivo da pesquisa. Vale destacar que, no território nacional, há diferenças significativas em torno da fotografia. É o caso das fotografias de amas de leite que, naquelas realizadas

com pessoas localizadas na região sudeste, demonstram um processo de apagamento de seu corpo para destacar a/o bebê e, ao mesmo tempo, indicar o arranjo familiar. Esse contexto era posto pela perspectiva moderna higienista.

Imagem 17: Bebê com mulher negra fotografia de Militão Augusto de Azevedo do acervo digital do Museu Paulista



Fonte: Militão Augusto de Azevedo, São Paulo, 1883.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> Disponível em: <http://acervo.mp.usp.br/IconografiaV2.aspx> >. Acesso em 08/09/2021.

Imagem 20: Bebê com mulher negra idosa



Fonte: Coleção de George Ermakoff, citado por Koutsoukos, Campinas, 2007.<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.studium.iar.unicamp.br/africanidades/koutsoukos/index.html>. Acesso em: 14/11/2021.

<sup>15</sup> Disponível em: <http://acervo.mp.usp.br/iconografiaV2.aspx> >. Acesso em 08/09/2021.

<sup>16</sup> Disponível em: <http://acervo.mp.usp.br/iconografiaV2.aspx> >. Acesso em 08/09/2021.

Imagem 18: Bebê com mulher negra, cartão de visita cortado, fotografia de Militão Augusto de Azevedo do acervo digital do Museu Paulista



Fonte: Militão Augusto de Azevedo, São Paulo, 1887.<sup>15</sup>

Imagem 19: Bebê com mulher negra com face apagada, fotografia de Militão Augusto de Azevedo do acervo digital do Museu Paulista



Fonte: Militão Augusto de Azevedo, São Paulo, 1879.<sup>16</sup>

Já na Bahia, as fotografias de amas de leite as destacavam com muitos detalhes (Schwarcz, 2011). Outro exemplo do início do século XX é o descrito por Angela Almeida (2019) sobre o primeiro fotógrafo negro do sertão de Seridó que fez registro inclusive de sua família. Na análise da autora, o fotógrafo José Avelino construiu uma forma autoral de fotografar. Ainda sobre o século XX, a popularização da fotografia possibilitou que uma quantidade maior de pessoas negras tivessem acesso aos equipamentos ou pudessem adquirir uma imagem de si. Contudo, ainda há no Brasil pessoas que, neste início de século XXI, por suas condições econômicas precarizadas, não têm nenhuma fotografia de quando eram bebês e às vezes, a primeira fotografia de suas vidas é de quando eram crianças ou adolescentes em algum evento social, na escola ou em documento e uma parcela só conseguiram uma fotografia de si na fase adulta.

## **2.4. Infâncias**

A ideia de infância está presente em diferentes abordagens teóricas. Os Estudos da Infância referem-se a um campo de estudo interdisciplinar. De acordo com a pesquisadora Maria Letícia Barros Pedroso Nascimento (2015), a sociologia da infância, como uma das áreas dos Estudos da Infância, produziria outro tipo de conhecimento sobre as crianças, apoiada na infância como uma categoria analítica que é construída socialmente e as crianças emergem como atores sociais.

A infância como categoria analítica é um dos fundamentos da sociologia da infância. O campo teórico da sociologia da infância tem particularidades em cada território onde se constitui. Segundo as pesquisadoras Anete Abramowicz e Fabiana de Oliveira (2010), no contexto brasileiro, a sociologia da infância começou a constituir-se como campo na década de 1990.

O conceito de infância na Sociologia da Infância é produzido por diferentes abordagens. Nascimento (2015, 2018) indicou a relação entre estrutura e ação nessas abordagens. Alan Prout (2010) acenou sobre os dualismos estrutura e ação, natureza e cultura, ser e devir da sociologia da infância na produção do conceito. Neste sentido, a definição de infância está relacionada a essas dimensões da sociologia.

Abramowicz e Oliveira (2010) defendem a impossibilidade de uma sociologia da infância única e igual nos diversos contextos nacionais visto que, cada contexto social tem suas características e produção de infâncias diversas. Para exemplificar



este argumento as autoras mencionam que no continente africano “a criança é um coletivo” (2010, p. 46).

A compreensão social da infância não é uma alteração simples de abordagem, ou de axioma de criança natural para construção social (ABRAMOWICZ; OLIVEIRA, 2012). Cada abordagem traz implicações diversas para a realização de pesquisas com e sobre crianças e suas infâncias. Segundo Chris Jenks (2002), ao analisar a constituição teórica da criança, o entendimento que se faz da criança não é algo desinteressado, o mesmo argumento pode ser ampliado para a infância.

Abramowicz e Oliveira (2012), afirmaram que ainda era muito obscura a definição e diferenciação entre a aplicação conceitual de criança e infância. Assim, evidenciaram uma complexidade teórica para abordar a infância negra. A sugestão de Abramowicz e Oliveira (2012) foi a de pensar uma infância sem as amarras de sentidos de infância/povo, já Fúlvia Rosemberg (2012) aprofundou o tema questionando sobre o estatuto epistemológico da infância seria uma categoria analítica ou descritiva?

Rosemberg (2012), assinalou algumas preocupações quanto à infância e os movimentos sociais: o processo de socialização; a posição das crianças na pauta de negociações; as crianças como atores sociais ou vir a ser militante adulto e o discurso seduzido pela política do espetáculo. A autora, refletindo sobre os apontamentos de Paulo Sérgio da Costa Neves (2005) que escreveu sobre a luta antirracista nos posicionamentos de reconhecimento e redistribuição, interrogou quem seria a população de origem negra?

Há tensões nos debates sobre infância e raça, porém a existência de diferentes infâncias, no caso brasileiro, é configurada por marcadores étnico-raciais. Em uma pesquisa com imagens realizadas no Brasil no século XIX Abramowicz *et al* (2011) indicaram a existência de uma especificidade da criança negra e, considerando Ariès, a denominaram de sentimento de infância negra.

A pesquisadora Ana Cristina Juvenal da Cruz (2016), ao investigar sobre relações étnico-racial no Brasil no contexto do projeto UNESCO, evidenciou que Virgínia Leone Bicudo e Anielia Meyer Ginsberg com suas pesquisas

“[...] anteciparam categorias e conceitos sobre os modos de socialização das crianças que se tornariam centrais nos estudos contemporâneos: a agência da criança e, naquilo que consideramos

singular, a especificidade desta agência em termos de relações étnicas e raciais” (CRUZ, 2016, p.3).

Com a referida investigação, Cruz (2016) identificou que no Brasil a constituição do campo da infância foi simultâneo ao das relações étnico-raciais, fato que indica que investigar os bebês pode contribuir nos estudos que inter-relacionam infância e raça.

A sociologia da infância desenvolve-se enquanto campo a partir de diferentes abordagens teóricas. As pesquisadoras Gabriela Guarnieri de Campos Tebet e Anete Abramowicz (2014) traçaram um panorama de algumas das abordagens no campo da sociologia da infância. Uma síntese das abordagens apresentadas pelas autoras seria:

- Sociologias da infância estruturais: a concepção de infância nesta abordagem seria desenvolvida a partir da ideia de categoria permanente da estrutura social. As autoras citam como representantes dessa linha o dinamarquês Jean Qvortrup que tem como conceitos fundamentais infância, geração e estrutura. E no caso da finlandesa Leena Alanen e da britânica Berry Mayall os conceitos centrais nessa abordagem seria campo e estruturação geracional (ABRAMOWICZ e TEBET, 2014).
- Sociologias das crianças: a concepção de infância nesta abordagem seria desenvolvida a partir da ideia de agência. As autoras apresentam como representante desta abordagem William Corsaro que teria como conceito fundamental culturas de pares (culturas infantis) e desenvolveu o conceito de reprodução interpretativa (ABRAMOWICZ e TEBET, 2014).
- Sociologia do discurso das crianças e da infância: essa abordagem compreende “a criança e a infância como uma formação semiótica e discursiva, uma construção social e cultural que comunica uma determinada ‘verdade’ (ABRAMOWICZ e TEBET, 2014, p.50). De acordo com as autoras essa abordagem apresenta concepções pautadas em conceitos desenvolvidos por Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari e seus principais representantes seriam Chris Jenks, Allison James e Alan Prout (ABRAMOWICZ e TEBET, 2014).

Apresentada essa síntese, concordamos com as autoras que cada uma das abordagens traz implicações diversas para os estudos das crianças e infâncias, mas que, contudo, não devem ser vistas como concorrentes (ABRAMOWICZ e TEBET, 2014). Acrescentamos a essa consideração a análise apresentada por Alan Prout (2010) sobre as abordagens teóricas da sociologia da infância se constituírem a partir de um dado contexto histórico no qual o campo começou a constituir-se, ele apresenta

algumas críticas às abordagens, entretanto também indica as contribuições de cada uma.

Da mesma forma, concordamos com a ideia de Chris Jenks (2002) que ao analisar a constituição teórica da criança, aponta que o entendimento que se faz da criança não é algo desinteressado. “Somos assim confrontados com diferentes crianças ‘teóricas’ que servem os diferentes modelos teóricos da vida social dos quais emergem” (JENKS, 2002, p.214).

Tebet em inicia sua tese com uma fotografia e a afirmativa de que ali não era uma criança, na tentativa de afirmar uma especificidade para categoria bebê. A autora inspirou-se no livro de Foucault que analisa a obra "O estômago não é um cachimbo" ("Ceci n'est pas une pipe" René Magritte, 1929). Ao considerar lógica semelhante na imagem escolhida pela pesquisadora

Ainda trazendo alguns apontamentos de estudiosos da infância, a antropóloga Alison James (2014) diz que não mais é preciso saber o que acontece no parquinho. A autora defende a necessidade de ampliar a compreensão do papel das crianças em outras esferas, como exemplo cita a economia familiar e a questão política (JAMES in PIRES, 2014, p. 940). Argumenta que já há trabalhos suficientes sobre o dia-dia das crianças e o que falta, aos estudos das crianças e da infância, são as contribuições para o que denominou de grandes problemas e debates.

Um dos aspectos fundamentais nos estudos da infância, são as metodologias de pesquisa com crianças. Ana Cristina Coll Delgado que é professora e pesquisadora na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e tem como principal tema o estudo da infância pontuou as complexidades que envolvem a questão da infância e de como houve, segundo ela, um significativo avanço na área tecnológica, mas não aconteceu o mesmo na área social principalmente na questão da infância (DELGADO, 2005).

Para Delgado (2005), no campo social a questão da infância traz desafios, pois o mundo ainda se concentraria na perspectiva adultocêntrica que dificultaria também o campo científico especificamente no fazer pesquisas com crianças. Diante deste contexto, a autora apresentou as contribuições do grupo de estudos do qual faz parte, com apontamentos sobre a pesquisa etnográfica com crianças. Apoiou-se, portanto, na Antropologia e na Sociologia da Infância para inserir o conceito de cultura, que ela considerava como elemento fundamental da etnografia.

O argumento de Delgado (2005) pautou-se na concepção de Geertz de que a cultura como conjunto de mecanismos de controle, seria adequada para a abordagem com estudos com crianças, pois reconhecia a agência infantil. Segundo a autora, a pesquisa etnográfica possibilitaria a apreensão de uma rede de significados produzidos pelos sujeitos. Contudo, lembrou que não é um processo fácil ou sem tensões, visto que o foco social seria a pessoa adulta jovem, branca e de classe social privilegiada.

Segundo Delgado (2005), o campo da Sociologia da Infância ainda teria muitos desafios, pois seria um campo em construção que possibilitaria uma visibilidade mais ampla das crianças e de suas vozes. Apesar disso, alertou para não cair nos reducionismos: adultocentrismos, infantocentrismo e uniformismo, visto que as infâncias são múltiplas e não estão isoladas umas das outras gerações.

As novas abordagens em torno da infância impõem outros debates conceituais, nesse sentido o presente trabalho, ao focalizar principalmente em imagens de fotografias *newborn*, ou seja, de bebês recém-nascidos, demandou um aprofundamento dos significados desse conceito. A figura conceitual de Bebê.

Imagem 21:Publicidade de boneco articulado utilizado em fotografia *newborn*



Fonte: <https://www.facebook.com/commerce/products/1741367162632766/>

## 2.5. Bebês

A afirmação de que os estudos de bebês não poderiam ficar restritos aos conceitos e metodologias utilizadas para a criança foi produzida por Abramowicz e Tebet (2018). Para as autoras, bebê, enquanto conceito teria especificidades que o diferencia do conceito de criança (s), portanto, defendem a constituição de um campo de estudos que considere tais especificidades. Para sustentar o argumento, Abramowicz e Tebet (2018) realizaram uma pesquisa bibliográfica com intuito de identificar produções e debates que pudessem contribuir com a constituição do campo "Estudos de bebês". De acordo com as autoras, nas Ciências Sociais haveria uma dificuldade das pesquisas para compreender o conceito "bebês", inexistindo assim um olhar diferenciado, bem como a construção de metodologias específicas para eles.

Abramowicz e Tebet (2018) ponderaram que a Sociologia da infância teria contribuições insuficientes para estudar os bebês como categoria, pois enfatizaram como premissa teórica, o pressuposto de que bebês não são crianças. Em outras palavras, tal premissa leva a que aportes teóricos, epistemológicos e metodológicos da compreensão das crianças não possam ser transpostos literalmente para a compreensão conceitual da experiência social do bebê. Contudo, salientaram que não se trataria da configuração de um bebê universal e nem de um coletivo de bebês, mas sim de compreender a figura conceitual de bebê.

O debate das autoras incidiu na distinção categorial e conceitual entre criança e bebê, e nesse sentido, para elas haveria duas tarefas teóricas a serem realizadas:

[...] compreender como os discursos sobre eles se proliferam, se constituem e se diferenciam dos discursos sobre as crianças e, além disso, compreender a maneira pela qual eles se individualizam, se subjetivam e se singularizam de maneira "original" e que lhes é própria (ABRAMOWICZ E TEBET, 2018, p.926).

As autoras apontaram as contribuições de diversos campos de conhecimento com intuito de ultrapassar o domínio da Sociologia, presente nos Estudos da criança/Estudos da Infância, configurando uma proposta de desenvolvimento de território interdisciplinar para os Estudos dos Bebês (ABRAMOWICZ E TEBET, 2018).

Neste sentido, as autoras estabelecem alguns marcos históricos para a tarefa que imputam. Pautaram-se em Fontanel e D'Harcourt para mostrar como houve modificações quanto os espaços e as relações sociais em relação à compreensão e

práticas com os bebês. Entre a Medicina, a Psicologia e a Psicanálise, elencaram vários autores e autoras, mas privilegiaram Donald Winnicott e Françoise Dolto. Para elas, os trabalhos desses psicanalistas se voltaram para o objetivo de atestar as competências dos bebês. Sobre Winnicott, mencionaram a questão do ponto de vista do bebê, sua relação com outro e o período de desenvolvimento antes da fala. Com Dolto, apontaram a questão da linguagem e comunicação com os bebês e a criação de espaço específico para eles. Ainda no interior desse contexto, apresentam a médica Emmi Pikler que desenvolveu trabalhos fundamentados no diálogo com os bebês. Da antropologia o destaque foi para Alma Gottlieb, cuja importância seria a de ter proposto uma Antropologia dos bebês sugerindo uma metodologia própria de investigação. Na Sociologia da Infância, as autoras fazem um panorama geral, que já abordamos anteriormente, é válido destacar que nos estudos desse campo quando se dedicam aos bebês há relação com a educação com interface com outros campos e que predomina como metodologia a etnografia, os registros fotográficos, filmagens e descrição com detalhes de cenas vividas.

Na Filosofia, as autoras discorreram sobre a tradição de compreender a infância e a criança como negatividade, exemplificaram que na Pedagogia tradicional a infância era tomada como a antítese da humanidade. De acordo com as autoras, a criança é vista com positividade com Nietzsche em seu livro "*Assim falava Zaratustra*". Abramowicz e Tebet (2018) utilizaram referências às mitologias gregas sobre o tempo, *cronos* e *aion*, para argumentar sobre as diferentes dimensões do tempo na infância dos bebês. As autoras apontaram algumas contribuições da obra de Deleuze para os estudos dos bebês, portanto remetem ao conceito de vida singular e imanência. Outro campo mencionado pelas autoras é o da Geografia apontando para a necessidade de olhar a experiência geográfica do bebê.

Quanto às pesquisas com crianças e pesquisas com bebês Abramowicz e Tebet (2018) apontaram sobre a inserção das perspectivas dos mesmos, bem como metodologias que considerem seus saberes, assim elas mencionaram a abordagem do mosaico e a cartografia.

## 2.6. Representação das infâncias e de bebês

Ao observar presentes ofertados em nascimentos, Régine Sirota (2007) escreveu um artigo sobre a indeterminação das fronteiras da idade. Os casos analisados apontavam que os presentes eram livros. Para Sirota, os modelos diferentes de livros indicavam concepções opostas de criança e de acesso à leitura, mas a pesquisadora percebeu aspecto comum nos dois casos: a entrega do livro desde o nascimento. Destacou como essa prática parece ser “[...] uma urgência absoluta e uma necessidade vital. Por que e como chegamos a essa constatação?” (SIROTA, 2007, p.42). Naquele momento, Sirota observou a entrega de livros na ocasião de nascimentos no contexto da sociedade francesa, que tem como pilar a educação. O enfoque do artigo é compreender como as concepções educacionais da faixa etária da infância evoluíram, mas o movimento reflexivo da autora constituiu uma interlocução com a presente pesquisa. No sentido de observar as práticas em torno dos nascimentos no contexto brasileiro, identifica-se a presença da fotografia como prática das famílias e, parafraseando Sirota, teríamos a seguinte questão: Por que fotografar bebês parece constituir-se uma urgência absoluta e uma necessidade vital? "Por que e como chegamos a essa constatação?"

A análise de Sirota (2007), concentrou-se na socialização de como na sociologia houve a concepção vertical de Durkheim formulando a socialização da criança em horizontalidade na qual a criança é vista como ator social e sua agência é reconhecida. Outro aspecto apontado pela autora diz respeito ao modo de constituição do que denomina de "sociedade do consumo" impactando as relações com e entre as crianças, pois multiplicaram-se os modos de transmissão de valores, normas e, conseqüentemente de socialização não mais apenas pela família, mas pela mídia e publicidade. Então, Sirota (2007) destacou que a socialização não era mais vertical ou horizontal, mas a experiência social da criança seria construída em uma forma de um quebra – cabeça.

Sirota (2007) argumentou, assim como Abramowicz e Tebet (2018), que os discursos científicos também produzem a infância. Nesse sentido, apontou que existiria uma explosão de categorias no que diz respeito às idades da infância.

Quanto mais os conhecimentos científicos se aprofundam e se tornam complexos, mais as categorias se multiplicam e as fronteiras se

tornam flutuantes entre “bebelogia” [bébologia], primeira infância, segunda infância, pré-adolescência, adolescência (SIROTA, 2007, p. 47).

Observa-se que as diferentes abordagens, quanto à infância, trazem reflexões que fundamentam o próprio campo. Como pontuado por Abramowicz e Tebet (2018) os estudos dos bebês é um campo interdisciplinar, contudo percebe-se uma ausência sobre os estudos da infância/dos bebês sobre a produção das visualidades e representação. Das hipóteses que atravessam a presente pesquisa a constituição do bebê, no contexto brasileiro, passa por uma produção de uma visualidade que está na interface entre gênero e raça, nesse trabalho nos dedicamos à raça.

Retomando a paráfrase produzida a partir das questões de Sirota (2007), sobre por que e como chegamos a constatação da urgência e da necessidade de fotografar alguém recém-nascido, uma das respostas é a representação. E buscamos compreender a representação visual na sua dimensão social, ou seja, nos afastamos da perspectiva de representação como interna ou mental (SILVA, 2012).

Em um artigo assinado por Ana Cristina Coll Delgado e Carolina Machado Castelli (2017), as autoras discutiram sobre as concepções de bebês no contexto brasileiro. O objetivo do texto era o de discutir ideias sobre bebês que circulam no país tendo como referências autores da História da Infância e dos Estudos da Infância. Assim, as concepções de bebês que as autoras apresentam são: o bebê das amas de leite, o bebê dos especialistas, o bebê das mães e o bebê das creches.

A primeira concepção apresentada pelas autoras é o bebê das amas de leite, as autoras descrevem houve práticas distintas entre os bebês que nasciam do ventre das mulheres negras e aqueles nascidos das mulheres não negras, esses últimos ficavam sob os cuidados de uma ama, enquanto o destino dos primeiros era ser carregado para outros trabalhos de sua mãe ou, outra prática comum, era destinar o bebê para a roda dos expostos. As autoras identificaram que a produção de novos ideais que atribuía às amas a culpa da mortalidade infantil e de disseminar promiscuidade, assim os guias maternos da época tiveram um papel importante, visto que eles traziam publicações do campo da psicologia e da pediatria, por exemplo, que orientavam como bem cuidar dos filhos, em resumo, formou-se a segunda concepção de bebês, o bebê dos especialistas.



A terceira concepção é o bebê das mães, que segundo Delgado e Castelli (2017) se constitui, pois deu também a mulher um novo *status* social, ou seja, no interior do núcleo familiar a mulher das classes altas era aliada do trabalho médico. Mas, as construções das maternidades foram diferentes para grupos sociais, as mulheres pobres eram consideradas vistas como tendo uma fraca competência cultural, o que de certa forma justificou a formação da quarta concepção o bebê das creches.

Para Delgado e Castelli (2017) o aumento da urbanização favoreceu a expansão das instituições da educação infantil, assim as creches foram destinadas às mães trabalhadoras das famílias populares que eram consideradas incapazes de cuidar de seus filhos. Às classes economicamente favorecidas foram destinados os jardins de infância.

Delgado e Castelli definem bebês como “[...] as pessoas de pouca idade que apresentam determinadas características culturais” (DELGADO e CASTELLI, 2017, p.376). Para as autoras, assim como as outras crianças, os bebês são considerados sujeitos da infância e produtores de cultura, por isso destacam que há desafios contemporâneos para as concepções dos bebês do século XXI.

Imagem 22: Publicidade de boneco articulado utilizado em fotografia *newborn*



Fonte: <https://www.facebook.com/commerce/products/1741367162632766/>

### **CAPÍTULO 3 – CAMINHOS ENTRE IMAGENS E TEXTOS: UM DELINEAMENTO METODOLÓGICO**

---

*Neste capítulo descrevemos os processos metodológicos da pesquisa.*

No princípio, quando o interesse pela fotografia foi despertado, a pretensão era a de analisar como as crianças pequenas mediavam as suas relações pela fotografia de estúdio. Naquele momento, previa-se um trabalho de campo com “entrevistas” com crianças, porém em decorrência da pandemia do novo coronavírus, essa opção foi descartada. Entretanto, ainda a motivação da pesquisa estava nas fotografias de crianças em estúdio, que se estreitou para as fotografias de bebês em estúdio. O interesse era especificamente os dados visuais e por isso, a alternativa então para as condições impostas pela questão de saúde pública era utilizar fotografias de banco de imagens de livre acesso ou de um concurso que foi publicada em uma revista. Contudo, após a releitura sobre metodologias de pesquisa com crianças e a questão ética como posta por Sonia Kramer (2002) que problematizou o tema da autoria e autorização em pesquisas com crianças, considerou-se um modo de se evitar a exposição das/os bebês. Eis que instalou-se um impasse, como pesquisar imagens de bebês: quem autoriza, como autoriza? Como proceder, para buscar caminhos foi necessário dialogar com pesquisadoras/res mais experientes para reavaliar o tema.

Ao apreciar fotografias de bebês, ler blogs de fotógrafos e assistir vídeos sobre a técnicas dessa modalidade havia uma percepção de estranhamento. Tal percepção não configurava ainda um problema de pesquisa. Em uma reunião de orientação de pesquisa, as provocações vieram como perguntas:

Mencionei que acreditava que tinha algo nas fotografias de bebês negros relacionado à sua identidade.

“Mas, o que você quer ver na fotografia de bebês negros? Elementos da cultura negra? Quer um bebê como capoeirista? Sei lá, com pandeiro... Isso também não é essencializar?” (Profa. Dra. TCR)

Fiquei em silêncio pensando, talvez.

“E como você vai analisar as fotografias e dizer quem é negro e quem não é?” (Profa. Dra. ACJC)

“É tem essa coisa da metodologia, você não tem condições de realizar um estudo semiótico com profundidade, então acho não é uma opção” (Profa. Dra. TCR)

“Vamos precisar conversar com outras pessoas que pesquisam fotografia e analisar porque essa pesquisa está na educação” (Profa. Dra. ACJC) - (Anotações de orientação em setembro 2019)

Após esse primeiro diálogo, o procedimento foi o de leitura de matérias e artigos sobre fotografia a fim de produzir um repertório sobre o tema, de quem não tinha refletido de modo sistemático sobre fotografia. Mesmo nesse percurso, a dúvida ainda persistia, era enfim necessário dialogar sobre o que se tinha levantado e ao tentar procuramos debater o trabalho com uma pesquisadora da infância e um pesquisador da arte. Esse procedimento foi fundamental tanto para animar na permanência e para focar nas/os bebês, na experiência deles o trabalho já tinha potencialidades, assim realizaram alguns apontamentos e sugeriram leituras.

Diante do exposto, foi retomado o levantamento bibliográfico materiais nas seguintes bases de dados digitais: Biblioteca Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO), Catálogo de teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Base de dados de Livros de Fotografias. Na busca, antes de definir como área de concentração as Ciências Humanas, o levantamento foi iniciado na BDTD, seguido pelo Catálogo da CAPES e, por fim, a SCIELO. Para delimitar a pesquisa foi utilizado o recurso de aspas, contudo na BDTD resultou em uma pesquisa, no Catálogo da CAPES e SCIELO não houve registro encontrado, portanto o termos foram pesquisados sem aspas.

Quadro 1: Resultado da busca na base de dados

<b>Base de dados</b>	<b>BDTD</b>	<b>CAPES</b>	<b>SCIELO</b>
<b>Termos</b>			
História da fotografia no Brasil	99	4	37
Fotografia e infância	5	76011	15
Fotografia <i>newborn</i>	7	8402	6
Fotografias de bebês	140	86876	1

Fonte: dados obtidos em bancos de textos acadêmicos

Como é possível observar no quadro 1 a quantidade de trabalhos no catálogo da CAPES foi expressiva, contudo como os títulos se repetiam optou-se por ler Foi

realizada uma leitura inicial dos resumos e títulos de até cem unidades de cada busca e notou-se que era recorrente o conceito de família. Então, considerando a possibilidade de melhor delimitação temática, foi utilizado o *site* da Base de Dados de Livros de Fotografias para pesquisar esse termo. Nessa base há duas possibilidades de busca: uma simples e uma outra avançada. Na avançada existem os seguintes filtros: tipo de publicação, coleção, título, autoria(fotografia), autoria(texto), *design* (projeto gráfico), assunto, editora, impressão (gráfica principal), ano de publicação, vídeo, PDF. Para manter o critério das outras bases, que foi a busca por título, optou-se por esse critério utilizando o termo família e como resultado foram elencados cinco títulos.

Quadro 2: Resultado da busca na Base de Dados de Livros de Fotografias

Busca na Base de Dados de Livros de Fotografias		
Termo: família		
Título	Autora/or	Ano de publicação
Álbum de família	Márcia Deretti	2019
Jogos de aparência: os retratos da aristocracia do açúcar: a representação cultural dos álbuns de família em Pernambuco nos séculos 19 e 20	Georgia Quincas	2016
Brasília uma arquitetura familiar	Débora Amorim e Marcio Amorim	2011
Álbum de família: a imagem de nós mesmos	Armando Silva	2008
Retratos de família: leitura da fotografia histórica	Miriam Moreira Leite	2000

Fonte: dados obtidos no banco de livros sobre fotografia

Dos títulos o de Márcia Deretti é um livro de imagens fotográficas e tem uma abordagem mais conceitual; o de Georgia Quincas tinha como cenário específico Pernambuco; o de Débora Amorim e Márcio Amorim foca em Brasília; Armando Silva abrange famílias latino-americanas e, por fim, o de Miriam Moreira Leite é o resultado de uma pesquisa sobre documentação fotográfica familiares entre 1890 e 1930. Por usar dimensão histórica mais abrangente selecionou-se “Retratos de famílias: leituras de fotografias históricas” de Miriam Moreira Leite.

Já com uma leitura mais detalhada de alguns artigos, livros e pesquisas notou-se a citação do Almanaque Laemmert, do século XIX, no qual fotógrafos anunciavam

os seus serviços. Buscou-se verificar quais eram as formas que as(os) fotógrafas(os) do nosso tempo utilizam para promover seus serviços e um desses caminhos é o *site* da Associação Brasileira de Fotógrafos de Recém-Nascidos (ABFRN) do qual foi selecionado as seguintes publicações: Sobre ABFR, Conduta dos profissionais, Dicas para os pais e a seção Os estilos e o *site* da revista "Fhox" que tem quase três décadas de publicação no ramo fotográfico, dessa revista selecionou-se a seção *Newborn*, assim esses documentos constituíram o *corpus* de análise da pesquisa.

A ABFRN foi fundada em 2012 por oito fotógrafas. Em seu *site*, os dados estão organizados em seis abas com informações sobre a página inicial, sobre a associação, dicas para os pais, como ser associado e conteúdo.

Caracterizada como uma instituição sem fins lucrativos, a ABFRN se propõe a ser referência da modalidade, bem como estabelecer "padrões de segurança, higiene e conforto". "Buscar promover e apoiar a fotografia *newborn*", bem como entre os seus valores está o trabalho de comunidade (ABFRN).

Para a análise, utilizamos as publicações contidas na página da ABFRN. As publicações selecionadas, sintetizam as informações gerais do *site*, exceto os temas mais relacionados à inserção na associação. Assim, considerando o conteúdo das publicações a análise foi organizada em duas fases:

- Fase 1: os textos
- Fase 2: as imagens.

A ABFRN estabelece parcerias comerciais dentre os quais revistas como a "Fhox" que é oriunda de uma escola de fotografia da cidade de Curitiba. Iniciada no final dos anos de 1980, obteve expansão de atuação primeiramente como jornal e, posteriormente como revista, momento no qual a sede da revista foi transferida para a cidade de São Paulo. São aproximadamente 30 anos de atuação no ramo fotográfico e, segundo avaliação da própria revista, o *site* é o projeto mais abrangente.

O *site* da revista apresenta conteúdos diversos. Selecionou-se para análise mais aprofundada a sessão *Newborn* que é a que se relaciona com a pesquisa. A seção é composta por matérias sobre o tema.

Como acima descrito, na Fase 1, analisamos os textos. A primeira etapa desta fase, procedeu de leitura das publicações da ABFR: "Sobre ABFR"; "Conduta dos profissionais"; "Dicas para os pais" e, ao final, a seção "Os estilos". Desse material da

associação, buscou-se agrupar os conteúdos por temas aproximados, extraindo-se um termo chave.

Ainda na Fase 1 foram lidos todos os itens da seção "Portfólio *Newborn*", da revista "Fhox". Seguido do seguinte procedimento: organização da listagem dos títulos e manchetes das matérias publicadas a partir da disposição das publicações do site. Posteriormente, foram relidos os títulos e manchetes organizando-os em agrupamentos temáticos, de modo a compor um termo chave.

Na etapa seguinte, retomamos as matérias e analisamos as fotografias. Nessa etapa analisamos as fotografias dos vencedores do Prêmio *Newborn* Brasil 2018 e 2019 disponíveis no site da revista "Fhox".

Quadro 3: Análise dos títulos da revista Fhox dos anos de 2019 e 2020 da seção Potfólio-newborn

TÍTULO(DATA)	TEMA	TERMO
Anne Geddes fala sobre sua carreira e as fortes transformações do mercado (02/09/2020)	Adaptação ao mercado	Requisito profissional
Fotógrafa newborn faz sessões remotas para as clientes 27/04/2020		
Covid-19: fotógrafa newborn faz ensaios de recém-nascidos com a comida do delivery 09/04/2020		
Covid-19: ensaio newborn homenageia os profissionais da saúde 25/03/2020		
Bebês em estado terminal impressionam em ensaio emocionante 28/01/2020		
Um ensaio newborn Pennywise bem a tempo para o Dia das Bruxas (28/10/2019)		
Newborn com tema "burrito" (02/06/2019)		
Um ensaio newborn para fãs de Game of Thrones (22/04/2019)		
Fotógrafa oferece sessões grátis para bebês e crianças com síndrome de Down 28/04/2019		
Fotografia newborn em uma live de alto nível 03/04/2020		
Dia Mundial da Fotografia: Paloma Schell dá dicas para fotografar bebês (18/08/2020)		
ABFRN lança guia para fotógrafos newborn em tempos de coronavírus (16/03/2020)		
ABFRN/Sony: como foi a primeira Oficina de Fotografia Newborn? (21/11/2019)		
Sony e ABFRN promovem oficina sobre Newborn em São Paulo (12/11/2019)		

Dawn Potter fala sobre técnica e iluminação newborn (02/10/2019)		
Leo Saldanha abre as palestras do FHOX Newborn 2019 (02/10/2019)		
Oficinas abordam técnicas e práticas essenciais para fotógrafos newborn (18/09)2019)		
Dawn Potter ministra workshop exclusivo de fotografia newborn em São Paulo (11/09/2019)		
Primeiros passos na fotografia newborn (12/08/2019)		
Norte-americana é presa por se passar por fotógrafa newborn (17/02/2020)	A atividade	
As fotos newborn de Amy Haehl são diferentes (26/07/2019)		
Stevie Cruz e o seu trabalho encantador na fotografia newborn (29/04/2019)		
Fotógrafa acompanha crescimento da neta de maneira divertida 20/08/2019		
FhoxNewborn 2019 (22/11/20219)	Evento	
Escola de Negócios – Edição FHOX Newborn (11/09/2019)		
10 motivos para participar do FHOX Newborn 2019 (10/09/2019)		
O Congresso FHOX Newborn 2019 está chegando (09/09/2019)		
Prêmio Newborn Brasil 2019: Conheça os três melhores fotógrafos do ano (18/04/2019)		
Conheça os 50 finalistas do Prêmio Newborn Brasil 2019 (15/03/2019)		
As inscrições para o Prêmio Newborn Brasil encerram em poucas horas (08/03/2019)		
Prêmio Newborn Brasil: 6 motivos para você se inscrever agora mesmo (07/03/2019)		
Fotografia Newborn é destaque em exposição no Atrium Shopping (01/03/2019)	Produtos	Requisito Profissional
Digipix Pro surpreende com seu pôster premium no FHOX Newborn (01/10/2019)		
Prado Fundos aposta na personalização no FHOX Newborn 2019 (01/10/2019)		
Canon e suas investidas no mercado newborn (30/09/2019)	Pose/expressão	Resultado
Newborn “brava” faz sucesso na internet (06/12/2019)		
Sessão newborn com o pai pode dar nisso aí... (11/08/2019)		
Newborn em movimento: um novo olhar sobre o recém-nascido (06/05/209)		

Fonte: Produzido pela autora

Imagem 24: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn Brasil 2018 – 1º lugar



Fonte: Camila Pajuaba Uberlândia, 2018.<sup>17</sup>

Imagem 23: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn Brasil 2018 – 2º lugar



Fonte: Daniela Leite, Rio de Janeiro, 2018.<sup>18</sup>

Imagem 25: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn Brasil 2018 – 3º lugar



Fonte Beatriz Naomi Inui, Mogi das Cruzes, 2018.<sup>19</sup>

<sup>17</sup> <https://fhoX.com.br/news/grande-vencedora-do-premio-newborn-brasil/> Acesso em 05/08/2021

<sup>18</sup> <https://fhoX.com.br/news/grande-vencedora-do-premio-newborn-brasil/> Acesso em 05/08/2021

<sup>19</sup> <https://fhoX.com.br/news/grande-vencedora-do-premio-newborn-brasil/> Acesso em 05/08/2021





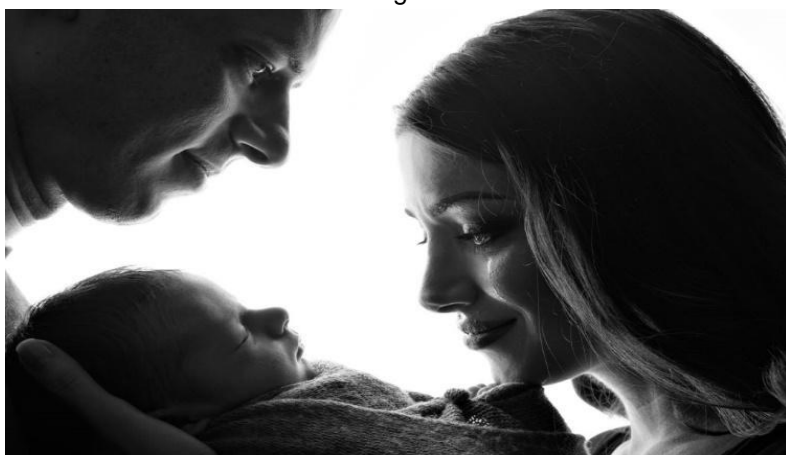
Fonte: :Tarcísio Lobato Bino, Belém,  
2019.<sup>20</sup>

Imagem 27: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn Brasil  
2019 – 2º lugar



Fonte: :Aline Fontes, Rio Grande do Sul,  
2019.<sup>21</sup>

Imagem 28: Fotografia vencedora do Prêmio Newborn 2019 – 3º  
lugar



Fonte: :Fernanda Luz, Joenvile,  
2019.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.fhox.com.br/agenda/feira-fotografar/premio-newborn-brasil-2019-tres-melhores>. Acesso em 20/08/2021.

<sup>21</sup> <https://www.fhox.com.br/agenda/feira-fotografar/premio-newborn-brasil-2019-tres-melhores>. Acesso em 20/08/2021.

<sup>22</sup> <https://www.fhox.com.br/agenda/feira-fotografar/premio-newborn-brasil-2019-tres-melhores>. Acesso em 20/08/2021.

Na análise das fotografias foram observados: o possível pertencimento étnico-racial da/do bebê (heteroatribuição), olhos abertos ou fechados, vestimenta, cenário, cor, posição, gênero da/do fotografada/o, fotografa/o e localização.

O pertencimento étnico-racial é uma categoria central na proposta aqui delineada, visto que, como mostrado anteriormente, o corpo do bebê negro modificou a fotografia, há algumas linhas que apontam essa possibilidade na modalidade *newborn*.

A categoria da abertura dos olhos está relacionada a fotografia *newborn*, na tradicional é indicado que a/o bebê esteja em sono profundo. A vestimenta é também outro elemento que diferencia *newborn* tradicional, com cenário e “figurino” próprios e a *lifestyle* é mais “caseira”

Sobre o cenário a identificação procura-se constatar uma possível presença de *backdrop* digital, qual seria principal elemento do *prop*: ninho? Balde? Cesto de vime? Outro, qual?

A categoria cor diz respeito se a fotografia é preto e branco ou se é “colorida”.

A pose é um dos elementos centrais da modalidade, por isso tentamos identificar quais imagens foram compostas por poses editadas (com duas ou mais imagens) ou utilizando *wrap* de contenção.

Sobre a categoria gênero do fotógrafo e do fotografado pode indicar uma mudança comparado ao século XIX.

Posteriormente, contabilizamos esses elementos e cruzamos os dados visuais com os dados textuais. Acredita-se das relações desses fatores provavelmente possibilitará apontar alguns caminhos imagéticos que resultaram na fotografia *newborn*

Encruzilhados os dados visuais e textuais, indicaram os seguintes traços: fotografia *newborn* como modalidade, corpos modelados e um tempo da imagem. Cada um deles será descrito no capítulo a seguir.

Vale destacar que, a análise aqui realizada não teve como intuito verificar, identificar ou estabelecer qualquer apreciação de valor estético. É preciso discernir que por essa característica, não há nesse trabalho a ideia de neutralidade, há apenas o foco desse modo imagético de construir as infâncias contemporâneas.

Imagem 29: Fotografias do curso de segurança das SIS no *site* AK fotografia.



Fonte: AK Fotografia, Curitiba, 2019.<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Disponível em: <https://akfotografia.com.br/ensaio-newborn-o-que-e/>. Acesso em 04/04/2021. De acordo com o site, o fotógrafo que realiza o curso de segurança das SIS (enfermeiras especialistas em recém-nascidos e fotógrafas) recebem o Selo SIS de segurança.

## CAPÍTULO 4 – FOTOGRAFIA *NEWBORN*: ENQUADRAMENTO DO BEBÊ CONTEMPORÂNEO

---

*Aqui são apresentados os resultados da análise*

### 4.1 Fotografia *newborn*: como modalidade

A fotografia *newborn* é uma modalidade de fotografia realizada por fotógrafo profissional que registra a/o recém-nascida/o nos primeiros quinze dias de vida. Ela é composta por dois estilos: o tradicional e o *lifestyle*.

O estilo tradicional é atribuído ao resultado do ensaio fotográfico que prevê ser efetivado até o 15º dia de vida da/o bebê, com ela/e em poses, com uso de acessórios específicos destinados para a produção dessa imagem. Já o estilo *lifestyle*, resulta do ensaio realizado na residência do recém-nascido e está mais associado ao registro familiar, além de pode ser realizado até o 2º mês de vida da/o bebê (ABFRN).

A fotografia *newborn* é uma modalidade de fotografia que se pronuncia enquanto um serviço especializado, para tanto mobiliza e promove cursos, workshops e palestras. A especialidade caracteriza-se pelo modo de utilização do equipamento, edição e também no conhecimento sobre o corpo da/o bebê. No que diz respeito às variabilidades de seu uso, as empresas recorrem à publicidade e também realizam patrocínio de eventos. O domínio técnico se estende aos conhecimentos de segurança do processo que envolvem práticas de higienização do estúdio, de seus acessórios, as condições de saúde da/do profissional, anatomia e manipulação das/os recém-nascidas/os.

A/o fotógrafo/a é um dos eixos de existência da fotografia *newborn*. Assim, não é qualquer fotografia de recém-nascido que se configura como fotografia de *newborn*. Essa classificação é aplicada apenas para aquelas realizadas por profissionais que consigam fazer da produção e resultado da fotografia, um espelho do útero da mãe. Dito de outro modo, projeta-se e especialmente, comercializa-se uma ideia de que, nessa modalidade, a/o bebê está em uma espécie de estágio natural em segurança pois, é quase como na barriga da mãe. Essa é a razão pela qual pode-se discutir a importância da "manipulação" do corpo do bebê recém-nascido. Observou-se que, do material analisado, há uma maioria de profissionais mulheres, o que de certa forma, confere uma prática e espaço para uma certa feminilidade.

A fotografia *newborn* vai se construindo como o lugar da/o recém-nascido, mas não é para qualquer uma(um). A ideia de pluralidade das infâncias, como aponta a sociologia da infância, parece ser editada por essa modalidade.

Assim, nem todas(os) as bebês podem habitar a fotografia *newborn*. No ano de 2019, o percentual de crianças de 0 a 5 anos com renda mensal *per capita* de até meio salário mínimo era de 47,6%. Desse total de situação domiciliar de pobreza 34% eram declarados da cor ou raça branca e 59% da cor ou raça negra. Ainda nesse universo 48% desses bebês e crianças estavam na faixa etária de 0 a 2 anos, o que representa uma quantidade de 3.586.680 crianças (IBGE, 2019). Em 2013, segundo Dale (2013), o valor médio da sessão de fotografia *newborn* girava em torno de R\$ 900,00, custo que poderia triplicar a depender das escolhas do cliente.

Os dados obtidos nesta pesquisa apontam que, aplicando um método de heteroatribuição baseado em características fenotípicas (cor de pele), o corpo que predomina na fotografia *newborn* é o do recém-nascido não negro. Nas fotografias a maioria das/os fotografadas/os era não negro, assim como quem fotografa. Uma das hipóteses para a ausência de bebês não brancos passa pelos valores do serviço e seu alto custo. Entretanto, a análise teve uma quantidade limitada de imagens fotográficas, mas é suficiente para identificar a presença de um padrão. Outra questão é que o Brasil é um país racista ter uma quantidade equilibrada de fotografias com bebês negros e não negros constituiria algo incomum, visto que o corpo valorizado é o branco.

A fotografia *newborn* como modalidade atende uma demanda de seu tempo. De acordo com a ABFRN a finalidade desse “[...] estilo de fotografia onde procura fazer o registro do bebê e sua família em seus primeiros dias de vida para contar ao mundo sobre a chegada do mais novo integrante”. Como abordado antes, o bebê já foi fotografado em outros momentos da história, o que se alterou é que ao atribuir a fotografia *newborn* o anúncio de um novo ser é um indicativo de alterações sociais mais amplas. Sibilia (2016) descreveu como ao longo do tempo a escrita de si foi se transformando, tais narrativas que se construía, por exemplo, como diários, memórias e álbuns. Contudo, no tempo atual da digitalização da vida e o fenômeno das redes sociais mobilizaria a construção de um eu diferente desse gênero autobiográfico que se constituiu na intimidade, agora, segundo a autora, a construção do eu se deslocaria para o externo.

Essas novas formas de valorizar as relações entre passado, presente e futuro, em contraposição às perspectivas modernas, talvez possam contribuir para explicar também algumas características do fenômeno analisado neste livro: a extimidade. Ou seja, uma entidade para cuja configuração foi necessário deslocar o eixo das subjetividades: do magma causal da interioridade psicológica para a capacidade de produzir efeitos no olhar alheio.

[...]

Assim, acompanhando a transição de *homo psico-lógico* da sociedade industrial para certo *homo tecno-lógico* do capitalismo informatizado, o passado já não abre os seus orifícios secretos para que seja explorado através da técnica da retrospectão. Em vez de instigar esses procedimentos típicos dos gêneros autobiográficos que proliferaram nos antiquados tempos modernos, agora o passado abre seus arquivos e janelas para o consumo empacotado. Um acervo disponível apenas para todos que saibam digitar as senhas adequadas (SIBILIA, 2016, p.163- grifos da autora)

Considerando as reflexões da autora, pondera-se que para além de um estilo, *newborn* não apenas conta ao mundo sobre a chegada de um bebê, ele insere o bebê no mundo no qual as realidades são ficcionalizadas.

Assim, a sociedade acolheu a fotografia *newborn* como a representação da/do recém-nascida/o. Isso não exclui outras formas de fotografias de bebês, contudo as peculiaridades em torno da modalidade segmentam não apenas o estilo, como também estabelece oposição entre os sujeitos que podem ser *newborn* e os que não podem. O quadrinista brasileiro José Aguiar escreveu o livro *A Infância do Brasil* (2015), cada capítulo do livro apresenta uma história de acordo com uma época. Os fragmentos abaixo são do capítulo “Perpetuar” que trata do século XXI.

Imagem 30: Reprodução de página de livro *A Infância do Brasil*



Imagem 31: Reprodução de página de livro A Infância do Brasil



Fonte: José Aguiar 2015 p.24,



Fonte: José Aguiar 2015 p.25.



Fonte: José Aguiar 2015 p.26,



A profunda desigualdade social da sociedade brasileira está atrelada ao racismo que a estrutura, de tal modo que, o novo ideal de imagem que se estabelece com a fotografia *newborn* favorece a manutenção de uma imagética que normalizar uma visibilidade. O repertório de imagens de bebês no Brasil houve um predomínio de imagens de bebês não negros.

Em dezembro de 2018, o bebê Waledo nasceu em uma das ruas de Porto Alegre. Sua mãe uma mulher haitiana estava acompanhada de seu marido e dirigiam-se andando ao hospital, após quarenta minutos de caminhada ela iniciou o trabalho de parto na via pública e foi ajudada por um soldado. O episódio foi notícia em diferentes meios de comunicação, pouco tempo depois, o bebê ganhou de presente um ensaio fotográfico.

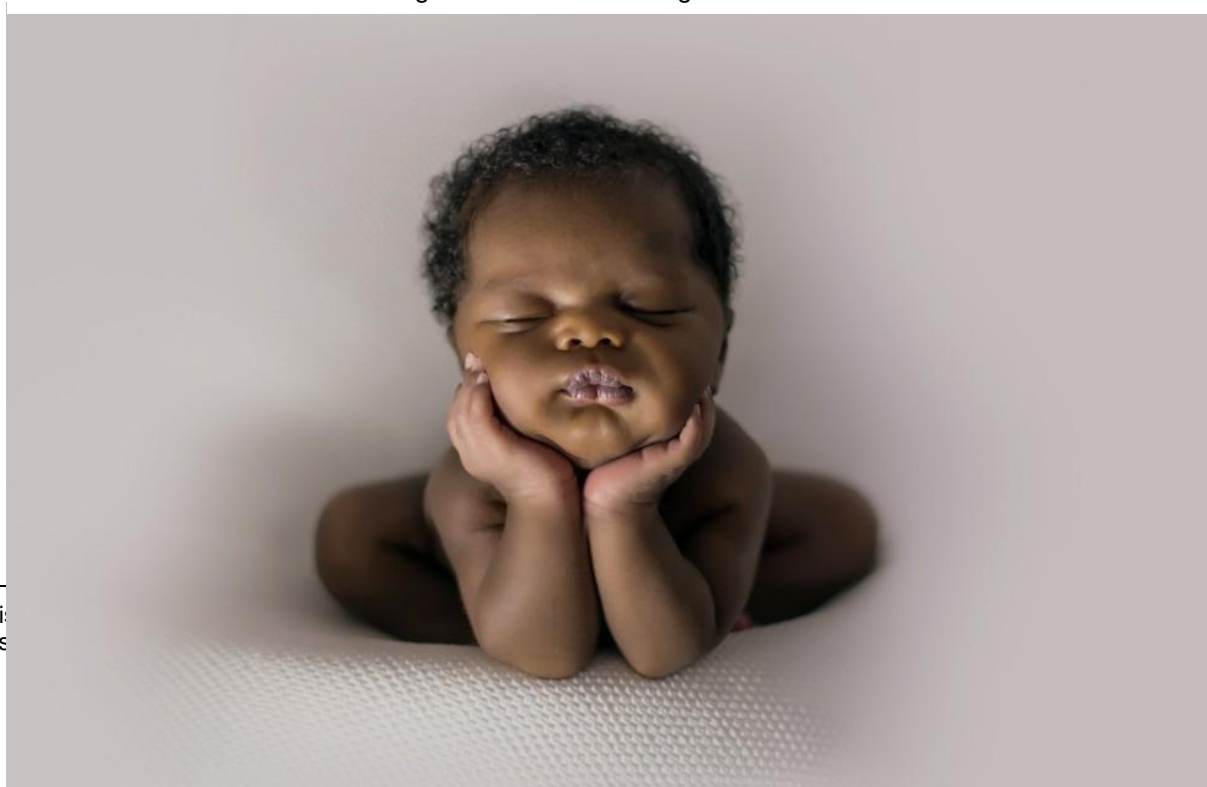


Imagem 32: Bebê em fotografia Newborn.



Fonte: Nilza Rejane, Porto Alegre, 2019.<sup>24</sup>

Imagem 33: Bebê em fotografia newborn



<sup>24</sup> Di  
Aces

Fonte: Fonte: Nilza Rejane, Porto Alegre, 2019<sup>25</sup>

A matéria do G1 informou que a mãe da criança trabalhava em uma residência e o pai, em uma padaria. Segundo o site, o presente foi de uma fotógrafa chamada Nilza Rejane que teria ficado

Comovida com a história, a fotógrafa que trabalha há cinco anos fazendo ensaios "Newborn", que consiste em reproduzir e registrar poses que são feitas no útero da mãe, não poupou esforços para encontrar a haitiana e fazer o convite.

"Eu estava no estúdio e casualmente vi a matéria na internet. Aí eu fiquei pensando comigo: 'embora seja uma cena linda, daqui uns anos ele podia ter outra imagem do nascimento dele'", conta Nilza (Joyce Heurich, G1 RS 2019)

O bebê independente de sua condição social e de seu pertencimento étnico-racial foi fotografado ao modo *newborn*, se a cena do seu nascimento na rua foi considerada pela fotógrafa como linda, ela foi ágil em oferecer-lhe outra visualidade nas palavras da fotógrafa "Eu estava no estúdio e casualmente vi a matéria na internet. Aí eu fiquei pensando comigo: 'embora seja uma cena linda, daqui uns anos ele podia ter outra imagem do nascimento dele'", conta Nilza (REVISTA FHOX, 2020).

Essa visualidade é objeto de desejo de diferentes famílias, inclusive as negras que "aparentemente" pautam questões étnico-raciais. Isso não significa que esse tipo de fotografia é um espaço livre de produção de sentidos, inclusive os raciais., conforme discorreu Hall (2016) realizar afirmativas apressadas podem induzir a equívocos.

Ainda sobre a questão racial Hall (2016) enfatizou que há complexidade na análise de um regime racializado de representação. No caso da fotografia *newborn* é uma modalidade que consegue capturar as demandas do mercado, entretanto esse estilo consegue subverter as representações convencionais de bebês não brancos?

---

<sup>25</sup> Disponível em: <<https://fhox.com.br/portfolio/newborn/bebe-de-casal-haitiano-ganha-ensaio-newborn/>> Acesso em 25 outubro 2020.

Retomando o próprio Hall (2016) insiste na concepção de que as representações não são fixas, portanto é possível que o corpo negro modifique a fotografia *newborn*.

Imagem 34: Bebê e mãe em fotografia newborn



Fonte: Aline Fontes, Rio Grande do Sul, 2020<sup>26</sup>

A fotógrafa Aline Fontes narrou para o site da ABFRN o processo de produção da imagem acima, ela relatou que:

Meus ensaios sempre possuem uma proposta ligada a um desejo da família. Já fotografei Harry Potter, Fusca, Mario, Star Wars, Árabe, Viajante, cores diferenciadas, profissões... Antes de elaborar o ensaio, eu crio um quadro com o processo criativo, onde separo cores, imagens, texturas e elementos. E essa foto em especial trouxe um pouco da cultura, religião e herança ancestral da família. Eu tive alguns insights de fora, mas no encontrava nada exatamente como ela havia me solicitado. Então, no dia do ensaio ela trouxe o "axó" do bebê, os turbantes e eu complementei com o vestido que tinha e uso nas gestantes. Os pontos no rosto da bebê foram feitos por mim de maneira a reproduzir a produção que foi feita por uma maquiadora profissional da região, mas que no decorrer do ensaio acabou saindo e

<sup>26</sup> Disponível em: < <https://abfrn.org/fonte-de-inspiracao-por-aline-fontes/> > Acesso em setembro de 2022

necessitei reproduzir com material que a mãe trouxe. No rosto da mãe são pedrarias. Enfim, esse foi um dos nossos cliques e esse ensaio foi maravilhoso!!!

A Luna estava completando 1 mês nesse dia, mas por aqui realizo ensaios Newborn com bebês de até 3 meses.

(Relato de Aline Fontes no site da ABFRN, acesso em 28 de outubro de 2020)

Os dois casos indicam que os bebês independente de sua condição social e de seu pertencimento étnico-racial foram fotografados ao modo *newborn*. No primeiro caso a fotógrafa oferece uma outra narrativa visual em decorrência do nascimento ocorrido em via pública e no segundo caso a fotógrafa afirmou que a imagem trouxe um pouco de cultura, religião e heranças ancestral da família, para tanto utilizou recursos de tecidos e maquiagem. Ainda sobre a fotografia de Aline Fontes tais recursos podem ser interpretados como um modo de estereotipar.

A fotografia *newborn* como modalidade pode configurar o que Hall (2016) denominou de o espetáculo do Outro, ou seja, estabelece diferenças entre o que é bebê e o que é um bebê *newborn*. Ao longo da história brasileira, as práticas em torno da representação do bebê pela fotografia foram estabelecidas, por exemplo: no século XIX pela presença de escravizadas como ama-de-leite, depois o seu apagamento da mulher e no século XX pelos registros dos concursos de robustez. Na prática atual, na qual o bebê é o elemento central, diferente das outras práticas nas quais bebê era parte de outras representações, na fotografia *newborn* institui um modo de representação para o bebê.

## 4.2. Corpos modelados

A ideia de "modelar" está presente na produção da imagem até o seu resultado. Se a câmera foca na/o bebê, é necessário estar moldado de uma determinada maneira. Assim, a maleabilidade da(o) fotografada(o) é um critério importante.

Para modelar, a(o) profissional necessita de um repertório de conhecimentos específicos que ultrapassam a máquina, ela/e precisa ter conhecimentos sobre fisiologia, técnicas de acalmar e te contenção da/o bebê, como também de edição de imagens digitais, tais edições contemplam desde o cenário até o corpo do bebê, aqui a pele tem destaque pois, existe um procedimento de texturização que pode inclusive clareá-la.

Tarcísio Lobato Pinto fotógrafo que foi premiado no Prêmio Newborn Brasil 2019 em uma matéria para a revista Fhox fez um relato breve sobre seu trabalho com a imagem vencedora.

A ideia para a fotografia já era algo que Tarcísio já tinha em mente, mas ainda não tinha conseguido executá-la como gostaria até então. *“Eu já tinha feito uma foto parecida há algum tempo atrás, porém dessa vez eu achei que editando a foto para deixar apenas os bebês em fundo preto, sem nenhum acessório ou distração, traria mais impacto para a foto”*. Ele completa que todo o procedimento demorou bastante, para deixar os bebês do jeito que ele queria. *“Coloquei eles no prop e fui “moldando” e fotografando cada evolução da pose até achar que estava perfeitinha, com tudo no lugar certo”*. (REVISTA FHOX, 2019 grifos do original)

Justificado por um discurso de segurança, a/o bebê é enrolada/o, tem as articulações "ajeitadas", o corpo encaixado. Após a captura da imagem, a mesma é editada. Produz-se um conjunto de normas e técnicas para "modelar", ou seja, a modelagem do corpo é construída para configurar uma determinada forma que são as poses. O conjunto de movimentos aplicados à/ao bebê para uma postura "modelada" adquire linguagem própria: "saco de batata", "de bruços", "de ladinho", "de bracinho", "sapinho", "coala". entre outras. Essas poses servirão de modelo para outras famílias que desejarem realizar ensaios semelhantes. A modelagem é apresentada como um procedimento seguro inclusive alega-se que é seguro mesmo em momentos extremos como o vivenciado pela pandemia ou com recém-nascido especial, com síndromes ou condições debilitadas de saúde. Ao modelar o corpo da/o recém nascida(o) a(o) fotografa(o) está habilitado a fornecer à família a melhor imagem da/o bebê: a captura da pose.

A criança antes de povos localizados no Continente africano, depois transformada em negra já foi separada de sua família e comunidade, foi jogada em navios negreiros, foi vendida e escravizada, sofreu castigos, foi exposta em rodas, passou por práticas higienistas na área da saúde e educação, foi institucionalizada, tem suas capacidades questionadas, é alvo de ofensas sobre seu cabelo e sua pele, tem oportunidades educacionais reduzidas. E na fotografia *newborn* é um corpo negro com outra experiência.

De acordo com Sibilía (2014) o corpo na sua configuração biológica estaria obsoleto e essa é uma tendência que aparece na fotografia *newborn* desde a sua indicação de realização até o 15º dia depois, o corpo já não servia mais. Os requisitos

profissionais de qualificação constante, adaptação ao mercado e utilização de recursos imperam sobre a/o fotógrafo/a para o domínio das técnicas. Nesse sentido, a ABFRN questiona “Você entregaria seu bebê recém-nascido a alguém que não tem prática? Ou a alguém que não se especializou? (ABFRN)”

Se considerar de modo geral o corpo na história já foi sagrado, vigiado, punido, aberto.

O MUNDO ATUAL OSTENTA, entre muitos outros, um paradoxo que pode parecer desconcertante. Por um lado, percebe-se um evidente enaltecimento do corpo humano. Último grande refúgio da subjetividade, o corpo é obstinadamente submetido a toda uma série de estratégias de design epidérmico que apontam para o cultivo das “boas aparências”, numa era na qual a visibilidade e o reconhecimento no olhar alheio são fundamentais na definição do que cada um é. Ao mesmo tempo, por outro lado – e é aqui que o mencionado paradoxo se ergue, desafiando o pensamento para além das evidências – o corpo é desprezado com uma violência inédita. (SIBILIA 2004, p.68)

As reflexões da autora dizem respeito ao corpo adulto. Contudo, é uma reflexão possível também ao recém-nascido. A ênfase no corpo modelado do(a) bebê está em sintonia com essa visibilidade e reconhecimento do olhar alheio, por isso é necessário um profissional que saiba produzir uma imagem com determinada textura de pele, iluminação, adereços, cenários.

Assim, o corpo da(o) recém nascida(o) se transforma naquele “naturalmente” apto para ser *newborn*.

Imagem 35: Sequência de etapas de edição de fotografia utilizando o *backdrop* digital



Fonte: Natalie Houlding, Shute Harbour.<sup>27</sup>

Imagem 36: Resultado de edição de fotografia utilizando o *backdrop* digital



Fonte: Natalie Houlding, Shute Harbour.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> Disponível em: < [https://www.etsy.com/listing/896531689/winnie-the-pooh-contexto-digital-newborn?click\\_key=65edc54b562ee19bb4fe57fcd106d0f3d572aec%3A896531689&click\\_sum=0b4bdc3f&ref=shop\\_home\\_active\\_154](https://www.etsy.com/listing/896531689/winnie-the-pooh-contexto-digital-newborn?click_key=65edc54b562ee19bb4fe57fcd106d0f3d572aec%3A896531689&click_sum=0b4bdc3f&ref=shop_home_active_154)> Acesso em 30/08/2022

<sup>28</sup> Disponível em: < [https://www.etsy.com/listing/1202276892/pantera-negra-recem-nascido-digital?click\\_key=5ca8943f76fed0838536a522f507865f83fedf3e%3A1202276892&click\\_sum=9094639a&ref=shop\\_home\\_active\\_40](https://www.etsy.com/listing/1202276892/pantera-negra-recem-nascido-digital?click_key=5ca8943f76fed0838536a522f507865f83fedf3e%3A1202276892&click_sum=9094639a&ref=shop_home_active_40)>. Acesso em 30/08/2022

O corpo biológico como um corpo obsoleto, pois não seria compatível com as tecnologias digitais da contemporaneidade que modificam as formas de ser e estar no mundo é uma concepção desenvolvida por Sibilia (2014). A fotografia *newborn* também incorporou essa noção, assim o corpo do recém-nascido até na fotografia passa por uma transformação que inclui partes “orgânicas” e digitais para constituir um “corpo”.

## 4.2. Um tempo para a imagem

Na fotografia *newborn* o controle não está apenas no corpo da/o bebê, se define um espaço de tempo para que se possa realizar o ensaio.

No estilo tradicional, a família tem até o 15º dia de vida para realizar o ensaio, por isso é indicado que o agendamento seja realizado com antecedência.

Fixar um tempo para a fotografia está relacionado à manipulação do corpo da/o bebê, entretanto esse gerenciamento do tempo auxilia na padronização da modalidade, quase como uma perecividade de um produto.

Sobre um tempo para a imagem Edinara de Freitas Teixeira (2015) em sua dissertação sobre cultura *newborn* escreveu que:

Diferentes particularidades dificultam a sessão fotográfica duas semanas após o nascimento, tais como: as brotoejas que aparecem na pele, as cólicas, que começam a ser mais frequentes; o sono que se torna cada vez mais leve; a paciência dos bebês, que tende a diminuir com o passar do tempo; e a visível dificuldade que eles encontram para contorcer o corpo na medida em que o tempo passa. Com o passar dos dias, os bebês demonstram cada vez mais a sua personalidade, saindo de uma posição passiva e expressando, a cada dia que passa, um pouco mais de suas vontades, o que impossibilita ao fotógrafo fazer o que deseja com o pequeno. Estes bebês imprevisíveis, que perderam a “janela do tempo” para esse tipo de fotos, precisam se adaptar a um novo tipo de ensaio, algo que comporte os bebês com mais atitude que os *newborns*, pois, agora estão velhos demais (TEIXEIRA, 2015, p. 41).

O peso do tempo para essa fotografia, lhe aproxima ainda mais de uma perspectiva consumista. Por outro lado, a estratégia de gerenciar um tempo para a imagem pode fornecer a impressão de evento único, assim como o nascimento. E, se diferencia de outras fotografias, que “o bebê velho demais” e as crianças podem compor. Se no parto, digamos nasce a/o bebê “biológico” e na fotografia *newborn* que certifica a sua pousada e pausada visualidade.



Aline Fontes fotógrafa premiada no Prêmio Newborn Brasil 2019 relatou

[...] que quando viu o resultado da foto, queria compartilhar aquela imagem com todo mundo. Sabia que não precisava dar muitas explicações, que a imagem falava por si. *“Havia sentimento, havia a composição, a técnica e o tratamento, que sob a minha visão, caracterizavam aquele registro. Ali estava estampado, a minha busca incessante nestes quase 5 anos de fotografia”*. É curioso notar que, apesar dessa forte carga emotiva envolvida, o ensaio foi bastante tranquilo, não chegando a durar duas horas todo o procedimento.(REVISTA FHOX, 2019 grifos do original)

No início da fotografia o tempo requerido para fazer uma imagem era aquele necessário para o funcionamento correto do aparelho. Hoje, apesar da instantaneidade do aparelho a(o) recém-nascida(o) é submetido há tempos prolongados para a obtenção da imagem desejada.

## **CAPÍTULO 5 – FOTOGRAFIAS DE BEBÊS: IMPRESSÕES DO TEMPO ATUAL**

---

Pode parecer futilidade pensar em fotografias quando a Pandemia da Covid-19 ainda impacta a vida de todas as pessoas e seres vivos e, no caso do Brasil, os indicadores da PNAD apontam que 41% da população recebeu auxílio emergencial. Contudo, analisar para a fotografias de bebês é uma oportunidade de compreender a produção das infâncias cuja realização se mescla com uma análise do tempo social.

Como é possível verificar nesse momento inicial, um dos indicativos está relacionado ao corpo como elemento central para a constituição de fotografias de bebês, o corpo do bebê manipulado e amparado (por outro corpo, aparato técnico ou edição) para produção de significação. É pelo corpo que o discurso sobre infância/bebês vai se reatualizando, ou seja, os ecos de um determinado modo de ver os bebês vai se delineando na fotografia. Os corpos dos bebês presentes nas fotografias de ama de leite são colocados no lugar de “cuidado e segurança” (junto ao corpo da ama), os corpos dos bebês dos concursos de robustez são exibidos para confirmar “saúde e vigor”, os corpos dos bebês nas fotografias *newborn* estão em “segurança e confortáveis”.

Mas, a segurança parece estar mais relacionada a um desejo de estabilidade da representação das(os) recém-nascidas(os), para tanto forja-se um campo sobre bebês que articula discursos da área da saúde e da psicologia para oferecer uma visualidade.

Em um mundo instangrável e monetizável, o *marketing* de si pode se iniciar assim que o bebê nasce. Mas, como um e uma bebê não pode, fazer isso de modo individual (ainda), as questões aqui delineadas nos dirigem ao que as pessoas adultas produzem sobre si próprias quando colocam bebês nesse tipo de experimento. Cabe, em análise futura, na abertura dos estudos sobre o tempo antropoceno ou do homem plástico (2020), ancorado por Mbembe, nos localizar em nosso tempo. A experiência da pandemia d novo coronavírus levou a uma virtualização da vida de modo sem precedentes. O que se abre agora tangencia o que seremos capazes de produzir.

O trabalho possibilitou percorrer algumas fraturas nas visualidades e representações que emergem pelas fotografias de recém-nascidos, ou melhor, das fraturas e representações que apontam as subjetividades contemporâneas de pessoas adultas que se espelham em bebês.

## REFERÊNCIAS

---

- ABRAMOWICZ, Anete et al. Imagens de crianças e infâncias: a criança na iconografia brasileira dos séculos XIX e XX. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 29, n. 1, p. 263-293, out. 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2011v29n1p263/19436>>. Acesso em: 17 jul. 2019.
- ABRAMOWICZ, Anete; OLIVEIRA, Fabiana de. **As relações étnico-raciais e a sociologia da infância no Brasil: alguns aportes**. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (Org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais-São Paulo: CEERT, p. 47-64, 2012.
- ALMEIDA, Angela. Quando a pele incendeia a memória [recurso eletrônico]: nasce um fotógrafo no sertão do século XIX – Natal, RN : EDUFRN, 2019. 138 p. : il., PDF ; 97.498 K
- ALMEIDA, Jane Soares de. Imagem feminina e maternidade:o concurso de robustez infantil em São Paulo (1928). p. 157-170. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos Educacionais Anísio Teixeira. v. 88, n. 218, jan./abr. 2007.
- ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Lisboa: Edições 70, 1981.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 91-107. (Obras Escolhidas, v.1).
- BRAGA, Amanda. **Retratos em Preto e Branco: discursos, corpos e imagens em uma história da beleza negra no Brasil**. São Carlos: EduFSar. 2015.
- BRITES, Olga. Crianças de revistas (1930/1950). **Educ. Pesqui.**, São Paulo , v. 26, n. 1, p. 161-176, Jan. 2000 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022000000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022000000100011&lng=en&nrm=iso)>.
- CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. **Relações Étnico-Raciais no Brasil: a pesquisa sobre criança e infância no Projeto UNESCO**. 2016. 104 f. Relatório Técnico (Pós-doutorado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.
- CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Educação e Cultura Visual: Uma trama entre imagem e infância. Tese de Doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2005.
- DALE, Joana. Ensaio megaproduzidos com recém-nascidos ganham fãs e aquecem mercado fotográfico. **ELA**. 07 abril 2013. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/ela/gente/ensaios-megaproduzidos-com-recem-nascidos-ganham-fas-aquecem-mercado-fotografico-16952770>>. Acesso em: 20 nov. 2020

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, F. **Abordagens Etnográficas nas Pesquisas com Crianças e suas Culturas**. In: 28ª Reunião Anual da ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2005, Caxambu - MG. CD ROM 28ª ANPED. RIO DE JANEIRO: ANPED, 2005. v. 28. p. 1-17. Disponível em: <http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt0781int.pdf>. Acesso em: 03/01/2017.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e Outros Ensaio**s. Campinas: Papirus, 1994.

EGAS, Olga Maria Botelho. A Fotografia na pesquisa em Educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, [S.l.], p. 953-966, July 2018. ISSN 1982-5587. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/10871>>. Acesso em: 01 May 2020

TEIXEIRA, Edinara de Freitas. Cultura Newborn: A pequena infância na cultura do consumo e da performatividade. Dissertação(Educação)Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2015

GENET, Rafael. MOLINET, Xabier. El color del aprendizaje de los maestros. Granada: 2014 disponível em <[http://art2investigacion.weebly.com/uploads/2/1/1/7/21177240/genet\\_rafael\\_y\\_molinet\\_xabier.pdf](http://art2investigacion.weebly.com/uploads/2/1/1/7/21177240/genet_rafael_y_molinet_xabier.pdf)>. Acesso em: 07 abril 2020.

GOMES, Nilma Lino. A contribuição dos negros para o pensamento educacional brasileiro. In O Pensamento Negro em Educação no Brasil: expressões do movimento negro.

GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; JESUS, Rodrigo Ednilson de. As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa. **Educ. rev.**, Curitiba , n. 47, p. 19-33, Mar. 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICAS.PNAD continua 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

JENKS, Chris. Constituindo a criança. **Revista Educação, Sociedade e Culturas**, Crescer e aparecer ou...para uma sociologia da infância. n. 17, Porto: Afrontamento, 2002, p. 185-216.

JOVINO, Ione da Silva. Crianças negras em imagens do século XIX / TESE São Carlos: UFSCar, 2010. 131 f.

JOVINO, Ione da Silva. Crianças negras na história: Fontes e discursos sobre a breve infância permitida pelo escravismo oitocentista brasileiro. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 189-225, 2015. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1167/409>>. Acesso em:14/07/2019.

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo: Fundação Carlos Chagas.n.116, p-41-59, julho/2002

LISSOVSKY, Mauricio; MARTINS, Juliana. A fotografia e seus duplos: um quadro na parede. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, V.20, supl., nov. 2013, p.1363-1375.

Lissovsky, Maurico. O Tempo e a Fotografia. Youtube,04 Ago. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tEeBwOrQJfE>. Acesso em 07 maio 2021

KRAMER, Sonia. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.116, p. 41-49, jul., 2002.

KOUTSOUKOS, Sandra Sofia Machado.No estúdio do fotógrafo: representação e autorepresentação de negros livres, forros e escravos no Brasil da segunda metade do século XIX. 2006. 382f. Tese (Doutorado em Multimeios) –Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

GURAN, Milton. Documentação Fotográfica e Pesquisa Científica –Notas e Reflexões. 2012. Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia 2012. Disponível em:[http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc\\_foto\\_pq.versao\\_final\\_27\\_dez.pdf](http://www.labhoi.uff.br/sites/default/files/doc_foto_pq.versao_final_27_dez.pdf). Acesso em: 05 abril 2020

MAUAD, Ana Maria. Como nascem as imagens? um estudo de história visual. História: **Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, jul./dez., 2014 a, p. 105-135.

MAUAD, Ana Maria . Entre retratos e paisagens: modos de ver e representar no Brasil oitocentista. **Studium**, [S. l.], n. 15, p. 3–9, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/11764>. Acesso

\_\_\_\_\_. Através da Imagem: Fotografia e história – Interfaces. Revista Tempo, v.1, n.2, Universidade Federal Fluminense, Departamento de História. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, p. 73-98, 1996.

MILANEZ, Milton. Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens. **Acta Scientiarum. Language and Culture** , v. 35, n. 4, p. 345-355, 2013.

MIRZOEFF, N. O direito a olhar. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016. DOI: 10.20396/etd.v18i4.8646472. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472>. Acesso em: 11 jan. 2022.

NASCIMENTO, Maria Letícia Barros Pedroso. **Como se conduz a pesquisa da infância quando a educação é mais um campo a compor seus estudos? Alguns elementos para discussão**. Currículo sem Fronteiras, v. 15, n. 1, p. 79-93, jan./abr. 2015 Disponível em:< <http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss1/articles/nascimento.pdf>>. Acesso em: 15/07/2019.

\_\_\_\_\_. (IN)VISIBILIDADE DAS CRIANÇAS E (N)AS CIDADES: HÁ CRIANÇAS? ONDE ESTÃO? **Educ. Foco**, Juiz de Fora, v.23, n.3, p.737-754 set. / dez. 2018. Disponível em:<

<https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/20100>>. Acesso em: 15/07/2019

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Tradução: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez. 2010.

ROTH, Lorna. Questão de Pele. **Revista zum**, Local, vol.10, 2016. Disponível em<: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/questao-de-pele/>> Acesso em: 15/07/2019.

SIBILIA, P. O pavor da carne: riscos da pureza e do sacrifício no corpo-imagem contemporâneo. **Revista FAMECOS**, v. 11, n. 25, p. 68-84, 13 abr. 2008.

SIBILIA, P. O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet. **Revista Eco-Pós**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 133–147, 2015. DOI: 10.29146/ecopos.v18i1.2025. Disponível em: [https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/2025](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2025). Acesso em: 3 jul. 2020.

SIROTA, Régine. A indeterminação das fronteiras da idade. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 41-56, abr. 2007. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1628>>. Acesso em: 02 maio 2020.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. In :**Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, 2015, p. 161-187

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

VASQUEZ, Pedro Karp. *A Fotografia no Império*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Tradução: Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez. 2010.

TEBET, Gabriela. DE C.; ABRAMOWICZ, Ante. Estudos de bebês: linhas e perspectivas de um campo em construção. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 20, n. 4, p. 924-946, 14 out. 2018.